Guia

REDE DE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS

2024

Diante da escassez de espaços para o diálogo sobre as peculiaridades no contexto da gestão e conservação de acervos negros, a Rede de Acervos Afro-brasileiros desempenha um papel fundamental como um local de troca de saberes. Aqui, as experiências de cada instituição ultrapassam os limites do que é considerado convencional e canonizado pela academia.

Essa diversidade de conhecimento e experiências enriquece não apenas a compreensão sobre os acervos, mas também fortalece a comunicação entre os membros, impulsionada pelo ideal coletivo de preservar e disseminar a cultura afro-brasileira.

Ionara Lourenço

Coordenadora de Acervo da Casa Sueli Carneiro

O Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP) e seu compromisso de articulação

O SISEM-SP é uma instância da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, vinculado à Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico. Ele foi criado em 1986 por meio do Decreto 24.634/1986 e teve sua reorganização estabelecida em 2011 no Decreto 57.035/2011.

Entre os objetivos do SISEM-SP, está a articulação entre os museus, acervos e processos museológicos existentes no Estado de São Paulo, respeitando sua autonomia jurídico-administrativa, cultural e técnica.

O fomento a redes temáticas de museus e acervos é uma estratégia de longa data desenvolvida pelo SISEM-SP para promover a integração entre museus e processos museológicos. Contudo, em 2022 o SISEM-SP iniciou um processo de reestruturação de suas prioridades, programas e ações e, com isso, as redes ganharam novo olhar. Sob essa nova perspectiva, ampliou-se o entendimento das possibilidades de atuação e fortalecimento das redes temáticas.

As redes temáticas de museus e acervos

O SISEM-SP entende a rede temática como um conjunto de instituições e iniciativas que se conectam em função de uma aproximação temática de seus acervos e processos museológicos.

Os vínculos entre estas instituições, sempre horizontais, são os elementos fundamentais da rede. As redes estão sempre em construção e são flexíveis, admitindo novos membros e objetivos. No contexto da Rede, os museus podem trocar experiências e ideias de forma direta, estimulando a criatividade na proposição de ações e soluções para problemas. É uma estratégia para apoio mútuo, contribuindo para a promoção e a sustentabilidade dos membros e da própria rede.

Entendido como política pública estratégica para o SISEM-SP, o fomento às redes temáticas acontece por meio do Programa Conexões Museus SP. Ele é realizado em parceria com as organizações sociais de cultura que fazem a gestão dos museus vinculados à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas de São Paulo.

Cada um destes museus recebeu o desafio de articular uma rede com seus pares, ou seja, com museus, acervos e processos museológicos que preservam coleções de uma mesma temática.

É o caso do Museu Afro Brasil Emanoel Araújo, que articula desde 2023 a Rede de Acervos Afro-Brasileiros. Este guia é um dos primeiros resultados do trabalho coletivo realizado no âmbito da rede.

A rede temática possibilita o trabalho em conjunto e pode acontecer em ciclos com objetivos específicos. Em 2024, o SISEM-SP propôs um novo objetivo para as redes: a elaboração de um Guia Temático de Museus.

Como toda ação de rede, o guia tem a potência de contribuir para a articulação e fortalecimento da rede e seus integrantes, promovendo-os junto aos diferentes públicos.

Convidamos você a conhecer os demais guias que compõem essa série e, por meio deles, descobrir a riqueza e a diversidade dos museus do território paulista.

Sofia Gonçalez

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do SISEM-SP

A Rede de Acervos Afro-brasileiros foi estabelecida para reunir representantes de iniciativas, em âmbito nacional, que salvaguardam coleções importantes e referentes aos feitos artísticos, culturais e históricos da população negra no Brasil.

Criada e articulada pelo Museu Afro Brasil Emanoel Araujo, em 2023, a Rede integra o Programa Conexões Museus SP, correspondendo a um dos desafios institucionais apresentados pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo por ocasião da convocação pública para a gestão do equipamento, em 2022. A iniciativa nasce do desejo de mapear museus, terreiros, quilombos e espaços afins, para compor e articular uma teia nacional de parceiros, compromissada com iniciativas conjuntas para potencializar o alcance de seus acervos e projetos. Este guia representa um primeiro passo rumo a esse objetivo.

Atualmente, a Rede se encontra em etapa de consolidação e o Museu almeja por expandir participações que viabilizem o desenvolvimento de um plano de trabalho e de fomento para o ano de 2025. Permanece o convite a representantes de iniciativas com coleções afro-brasileiras interessadas em se juntar a esse movimento. Será um prazer contar com vocês.

Hélio Menezes

Diretor Artístico do
Museu Afro Brasil Emanoel Araujo

SUMÁRIO

AMAPÁ 6

BAHIA 8

CEARÁ 17

DISTRITO FEDERAL 22

ESPÍRITO SANTO 24

GOIÁS 26

MARANHÃO 28

MINAS GERAIS 31

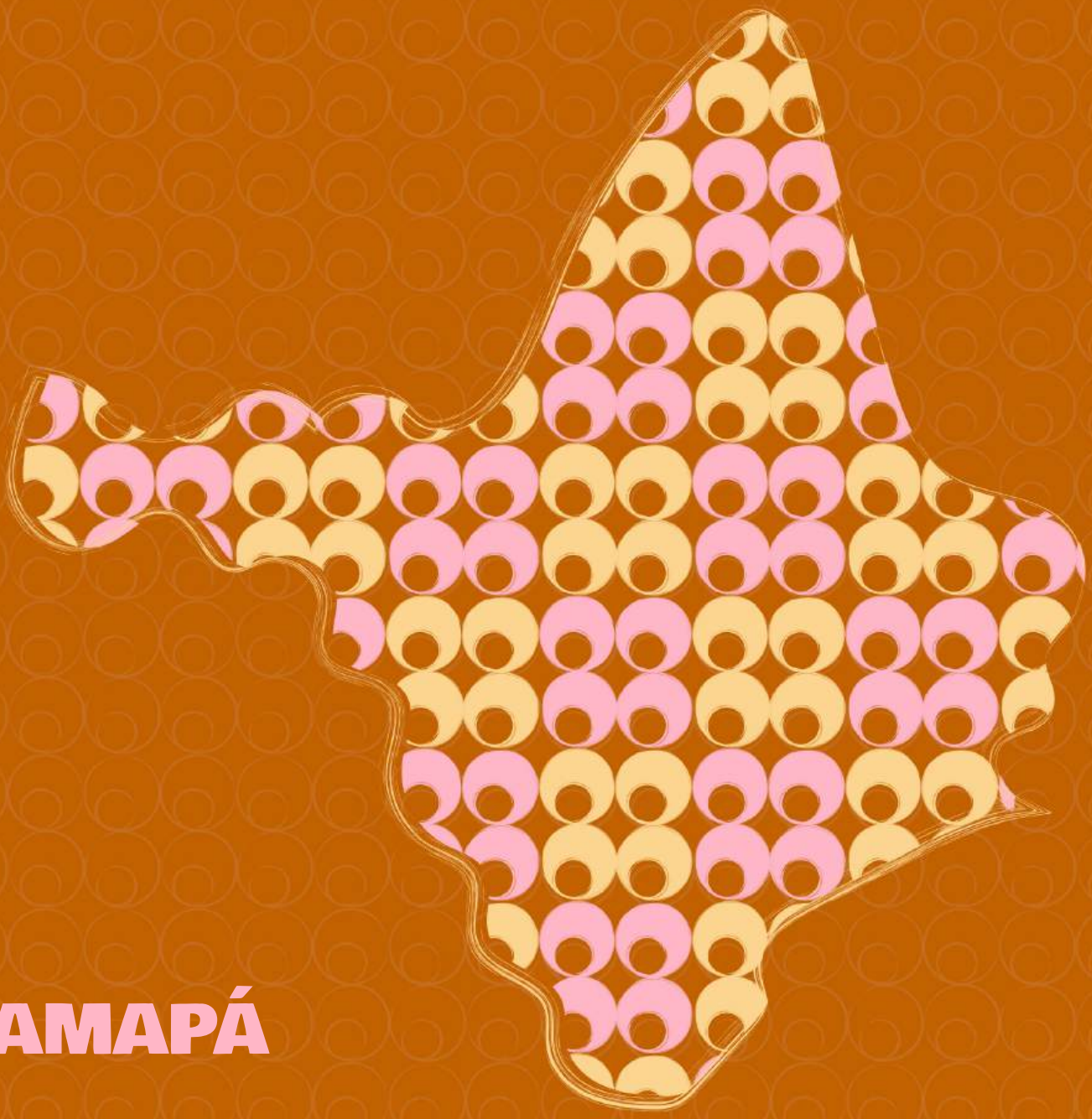
RIO DE JANEIRO 33

RIO GRANDE DO NORTE 40

RIO GRANDE DO SUL 42

SÃO PAULO 45

FICHA TÉCNICA 60



AMAPÁ

Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau

O Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau, em Macapá - AP, foi inaugurado no dia 25 de maio de 2023, Dia da África, e é administrado pela Academia de Batuque e Marabaixo.

A instituição pesquisa, preserva e divulga a cultura material e imaterial do povo negro amapaense, a partir de acervos arqueológicos, etnográficos e históricos, sendo o pioneiro do gênero no Amapá.

O nome homenageia Josefa Pereira Lau, Zefinha, ícone da cultura negra do estado, marabaixeira e mãe, que faleceu em 2019, aos 92 anos.

Em 2023, o museu foi indicado ao prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que reconhece iniciativas de preservação do patrimônio brasileiro.

Av. Dr. Silas Salgado, 3586, Sta Rita
Macapá, AP

www.museujosefapereiralau.com.br

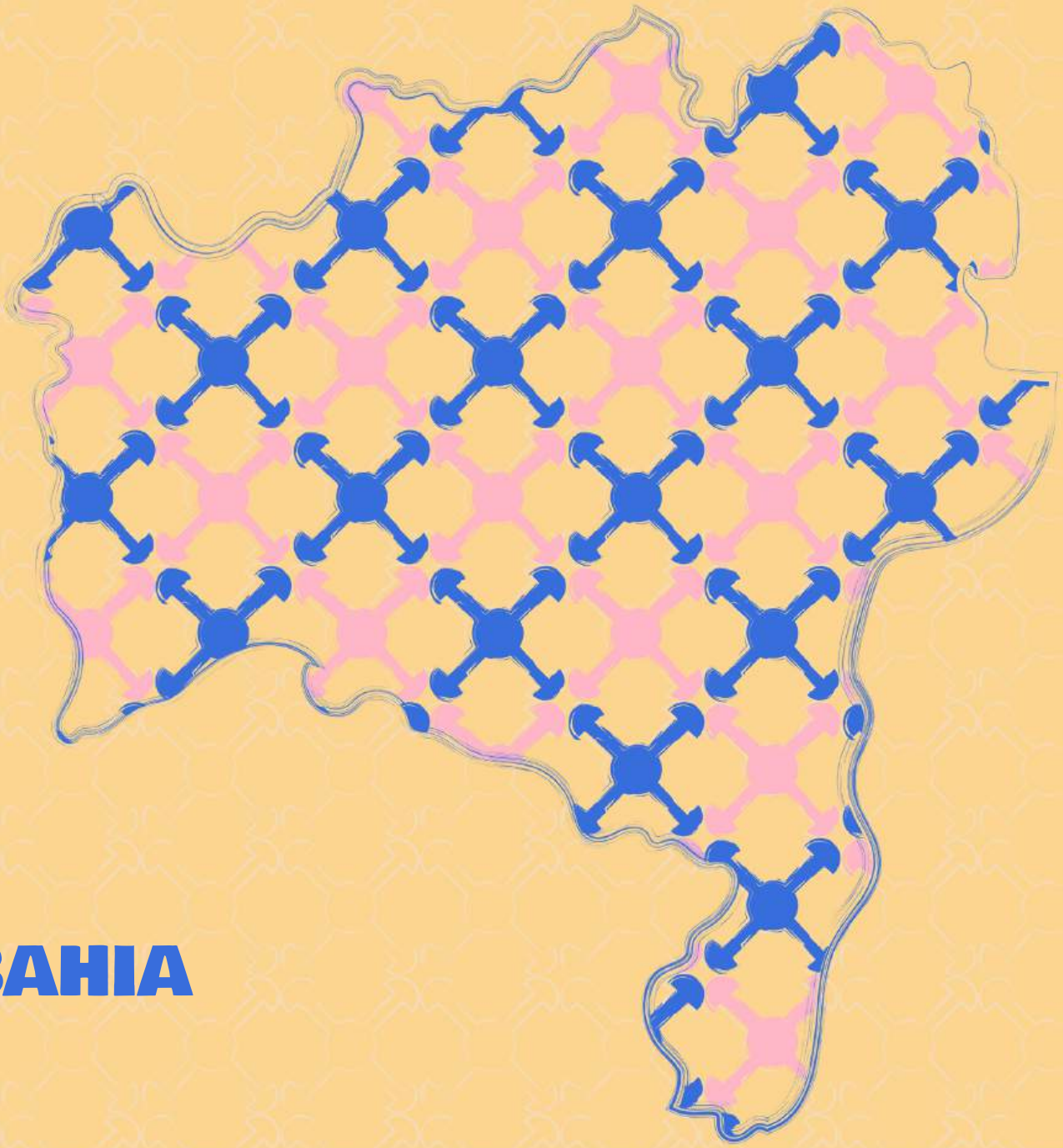
@afro_amazonico2023

@museu.josefa.2023

Peças africanas do Museu Afro Amazônico expressam conexões ancestrais. Imagem: Divulgação

Destaque para o quadro de Tia Lucy, vendedora de tacacá no bairro antigo do Formigueiro, Macapá. Autoria de Miguel Arcangelo. Imagem: Divulgação

Peças provenientes do continente africano e do Brasil. Imagem: Divulgação



BAHIA

Casa de Oxumarê

A história da Casa de Òsùmàrè remete à época da formação do candomblé no Brasil. A sua origem remonta ao início do século XIX e foi marcada pela luta e resistência de africanos escravizados que, obrigados a abandonarem suas terras e laços familiares, não renunciaram à sua cultura e fé. Seu fundador Bàbá Tàlábí, oriundo da antiga cidade Kpeyin Vedji, localizada a noroeste de Abomei, aportou em Salvador em 1795 na condição de escravizado. Foi um sacerdote com grande propriedade para introduzir e difundir o culto aos Òrìsà no Brasil, por pertencer a uma das mais relevantes famílias de Culto à Sakpata (Ajunsún), na África.

Passando por diversos sucessores através dos tempos, a Casa de Òsùmàrè obteve congratulações importantes. Em 15 de abril de 2002, a Fundação Cultural Palmares reconheceu a Casa de Òsùmàrè como território cultural afro-brasileiro, atestando sua permanente contribuição para a preservação da história dos povos africanos no Brasil; dois anos depois, em 15 de dezembro de 2004, foi registrado em livro de tombo do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC como patrimônio material e imaterial do Estado; em 9 de julho de 2014, a Casa de Òsùmàrè foi finalmente inscrita nos Livros de Tombo Histórico e no Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, como Patrimônio Nacional do Brasil.

Além de desenvolver atividades religiosas, a Casa de Òsùmàrè é ativamente engajada em projetos sociais e culturais, que contribuem para o desenvolvimento e inclusão das comunidades do seu entorno. Comprometida na luta contra o preconceito e a intolerância religiosa, possui um extenso histórico de realização de atividades e ações que visam a valorização do legado cultural afro-brasileiro e garantir o direito de cada cidadão em professar livremente sua fé. Para melhor desempenhar estas funções, desde 1988, institucionalizou-se sob a denominação Associação Cultural e Religiosa São Salvador.

Av. Vasco da Gama, 343, Vasco da Gama
Salvador - BA

www.casadeoxumare.com.br/

@casadeoxumare

Sacerdotisas Ìyá Francelina e Ìyá Simplícia. Imagem: Divulgação/ Casa de Oxumarê

Fachada da Casa de Oxumarê. Imagem: Divulgação/Casa de Oxumarê

Bàbá Tàlábí, fundador da casa e o sacerdote Babá Salakó. Imagem: Divulgação/Casa de Oxumarê

Ewé Lati Wòsán: Folha para curar Museu Digital

O Ewé Lati Wòsàn: "Folha pra Curar" é um Museu que funcionará enquanto espaço de produção e reprodução de conhecimentos sobre o saber-fazer do uso das ervas relacionados às práticas litúrgicas e comunitárias de saúde, expressas na cosmovisão particular dos religiosos de candomblé, em que corpo, mente e espiritual estão interligados, não cabendo tratamento separado.

O Museu é parte da pesquisa doutoral "Ewé Lati Wòsàn: Folha pra curar – Museu Digital sobre a Memória do Saber-Fazer de utilização das Ervas como formas de cura pelos religiosos de Terreiros de Candomblé em Cachoeira e São Félix, Recôncavo Baiano", em andamento no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA. Possui a meta inicial de lançar dados já coletados nas cidades de Cachoeira e São Félix, Recôncavo Baiano, produzidos pela pesquisadora Daniela Moreira, quando esteve em campo.

Porém, com um sistema aberto e colaborativo, o Museu Digital tem como meta receber informações de terreiros de qualquer parte do país que estejam dispostos a fornecê-las. A criação desse acervo também é importante na medida em que oferecerá conhecimento sobre a potencialidade de uso de cada erva, seja nos terreiros, seja no uso cotidiano.

@ewelatiwosan

O Museu Digital incluiu a pesquisa de campo em terreiros para compor o acervo. Imagem: Daniela Moreira

O Ewé Lati Wòsán celebra a medicina ancestral. Imagem: Daniela Moreira

Projeto observou os rituais de cura com ervas no Recôncavo Baiano. Imagem: Daniela Moreira

MAFRO
Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia

O Mafro – Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – foi inaugurado em 7 de Janeiro de 1982, no local onde entre os séculos XVI e XVIII funcionou o Real Colégio dos Jesuítas, e a partir de 1808, a primeira Escola de Medicina do Brasil. Seu projeto original, datado de 1974, foi concebido pelo antropólogo e fotógrafo Pierre Verger e desenvolvido no início da década de 1980 pela arquiteta Jacyra Oswald e pela etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, dentre outros professores e pesquisadores da Universidade e consultores externos.

No âmbito do "Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia", sua criação correspondeu aos anseios da existência de um espaço de coleta, preservação e divulgação de acervos referentes às culturas africanas e afro-brasileiras, tendo por objetivo estreitar relações da comunidade local com a África, e compreender a importância deste continente na formação da cultura brasileira.

Entre os anos de 1997 e 1999, sob a coordenação do Museólogo Marcelo Cunha, o MAFRO passou por um processo de renovação de sua exposição, que vem sendo redimensionada nos últimos anos. Desde os anos 1990, a sua gestão técnico administrativa é realizada por docentes do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia, afirmando-se como local de investigação e ensino relacionados à museologia e seus processos operatórios, promovendo cursos, exposições temporárias, atividades de pesquisa, publicações, ensino e extensão, procurando oferecer subsídios aos pesquisadores e inúmeros estudantes que visitam o museu.

Lg. Terreiro de Jesus s/n, Pelourinho
Salvador - BA

www.mafro.ceao.ufba.br

@mafroufba

Módulo Artes do Crer. Imagem: Hilma Passos

Mural as Áfricas. Imagem: Hilma Passos

Sala do Mural de Carybé. Imagem: Hilma Passos

MUNCAB
Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira

O Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira - MUNCAB, é um importante centro de preservação, produção e difusão da cultura afro-brasileira, diaspórica e africana nas Américas, tendo como papel fundamental o diálogo e intercâmbio entre países africanos e o Brasil.

O MUNCAB tem como objetivo preservar o patrimônio cultural afro-brasileiro, contribuindo para a promoção da igualdade racial, o respeito à diversidade cultural, a valorização e preservação da memória e das expressões culturais afro-diaspóricas, assumindo o compromisso com a educação e a inclusão social. E em colaboração e parceria com instituições e comunidades afins, busca prezar pela excelência na gestão museológica e na prestação de serviços ao público.

Por sua vez, a Sociedade Amigos da Cultura Afro-Brasileira – AMAFRO, é uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, reconhecida como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), fundada em 15 de março de 2002, sendo a instituição responsável pela gestão do MUNCAB.

Localizado em Salvador, Bahia, o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira é sobretudo uma instituição que busca promover a representatividade, o diálogo e o reconhecimento da contribuição histórica, social e cultural da população negra no Brasil. Após a sua reabertura em novembro de 2023, o museu recebeu mais de 135 mil visitantes.

R. das Vassouras, 25, Centro Histórico
Salvador - BA

museuafrobrasileiro.com.br

@muncab.oficial

@muncab

Fachada do MUNCAB. Imagem: Cristian Carvalho (@cristiancarvalho_)

Exposição Raízes: Começo, Meio e Começo (2024). Imagem: Luan Teles (@vulgotlls)

Balangadã de prata. Autoria desconhecida. Imagem: Divulgação/MUNCAB

Rede Museologia Kilombola

A Rede Museologia Kilombola (RMK) é uma articulação criada em 4 de novembro de 2019, no Recôncavo da Bahia, a partir das inquietações de estudantes de Museologia oriundos de quilombos atuantes e marginalizados no ambiente acadêmico. Hoje sua composição é de um grupo plural de pessoas negras habitantes de zonas rurais e urbanas, incluindo-se quilombolas e não quilombolas, sendo estes estudantes e profissionais das cinco regiões brasileiras.

A RMK é uma organização independente com interesses coletivos que promove reflexões a respeito de políticas de inclusão e práticas museais contracoloniais e antirracistas para o setor museológico no Brasil.

A Rede tem por finalidade promover e atuar sobre a preservação do patrimônio cultural e simbólico de povos negro-diaspóricos, com o intuito de promover diálogos entre narrativas que reflitam as memórias e oralituras coletivas e afetivas, os conflitos e disputas de poder e os aspectos culturais, profissionais e epistemológicos afro-brasileiros.

@museologiakilombola

museologia.kilombola

Medalha Pela Reparação da Memória Negra na Museologia Neyde Gomes.
Imagem: Lucas Ribeiro

Detalhe medalha com o logo da Rede Museologia Kilombola.
Imagem: Lucas Ribeiro

Encontro da Rede Museologia Kilombola no Museu das Favelas (SP).
Imagem: Divulgação

Terreiro Ilê Axé Inginoquê Omorossi

Fundado em 1992, a casa Sete, situada na Rua 35 do bairro de Castelo Branco, Bahia, tornou- se o endereço do Terreiro Ilê Axé Inginoquê Omorossí, doravante IAIO. Com herança ancestral nagô-vodum, é dedicada ao culto do Pai Obaluaiê, orixá regente da casa, bem como ao culto de todos orixás da nação Ketu. Dirigido pelo Babalorixá Edvaldo Jones, o Terreiro IAIO, descendente do Ilê Axé Ijino Ilu Orossi, possui raiz ancestral em Pai Miguel Deuandá (bisavô do Baba), Ya Ylukeran - Alaíde Pereira Santos (avó) e Baba Lokanfu Toluayê - José Antônio de Obaluaiê (pai de Edvaldo).

O Projeto "Memórias do Ilê", através de ações arquivísticas organizou e digitalizou o Acervo Audiovisual do Ilê Axé Inginoquê Omorossí, possibilitando a sua preservação e a disseminação da sua história. Ao longo dos anos, o Ilê Axé vem acumulando registros audiovisuais e iconográficos que contam a história não só do terreiro mas também das conquistas alcançadas pelas religiões de Matrizes Africanas.

O tratamento da documentação do IAIO disponibilizando o seu arquivo para pesquisadores é uma ação que fortalece as religiões de matrizes africanas. O candomblé precisa ser valorizado e reconhecido como parte da história da Bahia, e tal fortalecimento se faz com ações que impulsionem as suas manifestações, a sua atuação na área social, na área da pesquisa científica e principalmente que dê visibilidade ao seu povo e as suas tradições.

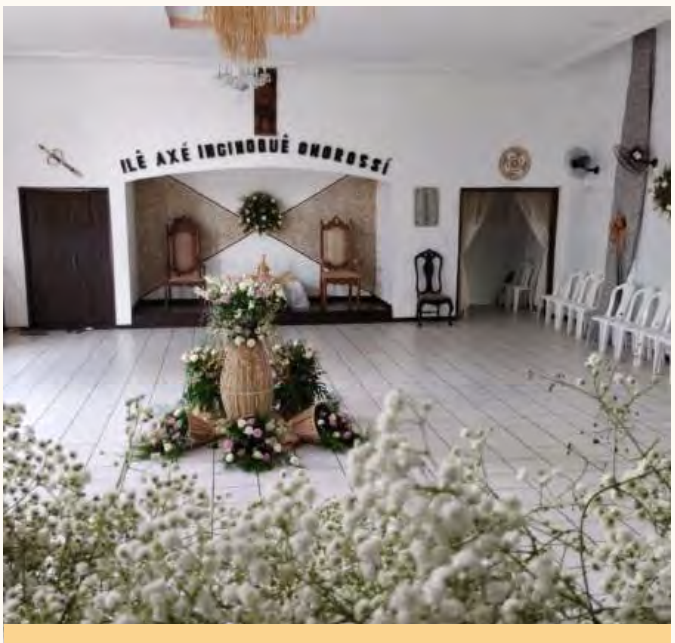
É importante destacar também que os "Arquivos dos Terreiros" constituem a memória da casa e do candomblé. O ilê tem como missão manter a continuidade e sobrevivência da herança das religiões de matriz africana e, por compreender que religiosidade incide diretamente no campo das transformações sociais, tem como objetivo trabalhar o espiritual em harmonia com o social. Nesse sentido, ao longo dos seus 32 anos de existência, o terreiro tem investido em diversas iniciativas de cunho social na sua região, e todo esse legado deve ser preservado para que as gerações futuras conheçam a sua história.

R. 35, Castelo Branco
Salvador - BA

www.iaio.com.br

@omorossi

Atabaques do terreiro. Imagem: Adeloyá @adeloyaoficial



Casa atual do terreiro. Imagem: Acervo do Ilê Axé Inginoquê Omorossí

Águas de Oxalá, 2023. Imagem: Acervo do Ilê Axé Inginoquê Omorossí

Terreiro Ilê Axé Opô Aganju

O Terreiro Ilê Axé Opô Aganju, fundado em 1972 pelo Babalorixá Balbino Daniel de Paula (Obaràyí), localiza-se na cidade de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador (BA).

Constituem o acervo, ainda não inventariado, fotografias históricas de autoria de Pierre Verger (Babá Fatumbi), recortes de jornais sobre Mãe Senhora e a vida religiosa de Obaràyí, fotografias das festividades, livros, objetos pessoais e ritualísticos produzidos no Brasil e em países africanos - adquiridos durante viagens do Babalorixá.

O Ilê Axé Opô Aganju integra-se à história do candomblé de nação Ketu na Bahia, enriquecida pelos trânsitos culturais Brasil-África estabelecidas por Obaràyí junto a outros líderes religiosos, artistas e intelectuais da sua geração.

R. Saketê, 36, Vl. Praiana
Lauro de Freitas, BA

@ileaxeopoaganju

OpoAganju

Máscara de Xangô, origem africana. Imagem: Acervo Terreiro Ilê Axé Opô Aganju

Iyamassê, origem africana. Imagem: Acervo Terreiro Ilê Axé Opô Aganju

Oxê de Xangô, de Mário Cravo Júnior. Imagem: Acervo Terreiro Ilê Axé Opô Aganju

ZUMVÍ
Arquivo Afro Fotográfico

O ZUMVI Arquivo Afro Fotográfico é uma instituição idealizada em 1990 por Lázaro Roberto, Aldemar Marques e Raimundo Monteiro, três jovens negros das periferias de Salvador que viveram em um contexto histórico adverso em meio à ditadura Militar e os percalços de serem negros na cidade mais negra fora do continente Africano. Fotógrafos afrodescendentes comprometidos com o registro das atividades culturais políticas e produção de imagens da cultura Afro-Brasileira. Tudo girava em torno do campo da documentação e memória: "fotografar para o futuro", era assim que eles pensavam. Sem tal pretensão, esses fotógrafos criaram um "Quilombo visual", desenvolvendo uma afro maneira de registrar e criar um arquivo de memórias imagéticas dos negros, algo jamais feito no Brasil contemporâneo.

O nome "Zumví" é uma palavra fotográfica criada a partir de "Zum", da lente, e "VI", do olho; "É a capacidade que a lente Zum tem de buscar a realidade que está longe, para perto". Ao longo de mais de 30 anos, o Zumví vem registrando sistematicamente as manifestações do movimento negro e o cotidiano dos afrodescendentes em diversas temáticas e contextos populares, principalmente a memória do movimento negro baiano e outros temas que compõem o acervo, com cerca de 30.000 negativos sobre a cultura afro-baiana.

Nos últimos 10 anos, Lázaro Roberto e o historiador José Carlos Ferreira travaram uma campanha nacional pela digitalização de todo o arquivo, conseguiram organizar a instituição, ampliar a equipe e vencer alguns editais estratégicos para digitalização e produção de exposições como a 35° Bienal de Arte de São Paulo. A instituição também está começando atuar no campo da educação, com o curso de fotografia para juventude negra, onde a cada ano irá formar 10 jovens da escola pública na Bahia. Hoje o Zumví conta com uma sede no pelourinho, com galeria de arte, sala de digitalização e conservação, bem como um cômodo para armazenar todo acervo com armário corta fogo, desumidificador e ar condicionado. Desta forma, será possível a salvaguarda de acervos permanentes e acervos de terceiros em estado de risco.

Ld. do Carmo, 28. Santo Antônio
Salvador - BA

www.zumvi.com.br

@zumviarquivofotografico

Aula Inaugural da Cooperativa Educacional Steve Biko. Primeiro Curso de Pré-Vestibular Para Negros no Brasil, 1991. Arquivo Zumví/Imagem: Lázaro Roberto

Autorretrato, 1980. Arquivo Zumví/Imagem: Lázaro Roberto

Passeata contra a farsa da abolição no Brasil, na Praça Municipal de Salvador, 1988. Arquivo Zumví/Imagem: Jônatas Conceição

CEARÁ

Acervo dos Santos: Música dos Orixás, Caboclos e Encantados

O “Acervo dos Santos | Música dos Orixás, Caboclos e Encantados” se dedica à investigação, análise e conservação dos fonogramas da Música de Terreiro, em especial os registros em vinil e fitas K7, que datam das décadas de 1930 a 1980.

O acervo é composto por mais de 300 discos de vinil (33, 45 e 78 rotações) que compõe um amplo repertório para a investigação das conexões entre as culturas locais e as culturas afro-diaspóricas. Uma das dimensões centrais deste acervo é a análise das relações entre os pontos de macumba, as cantigas de candomblé e umbanda e as conexões com manifestações afro-indígenas e os movimentos culturais contemporâneos.

Tais registros musicais, quando analisados em um contexto dinâmico, promovem uma partilha da multiplicidade de perspectivas, sejam elas técnicas ou estéticas, e o “Acervo dos Santos: Música dos Orixás, Caboclos e Encantados” tem a missão de preservar e difundir a música de terreiro, patrimônio imaterial da cultura religiosa afro-brasileira.

@acervodossantos

Discos do Acervo dos Santos. Imagem: Camila de Almeida

Vinil Afoxé Filhos de Ghandi, de 1980, em destaque.
Imagem: Camila de Almeida

Discos de ponto de Macumba. Imagem: Camila de Almeida

Museu Arthur Ramos Casa de José de Alencar

O Museu Arthur Ramos faz parte da "Casa José de Alencar", que é um dos equipamentos culturais da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Ceará. Neste espaço, existem sete coleções: Arthur Ramos, Luíza Ramos, Rendas do Ceará, Arqueologia e Pré-história, Coleção Arte Popular, Sincretismo Religioso e Coleção Benevides. Localizado no bairro de Alagadiço Novo em Fortaleza, Ceará, o Museu possui duas exposições permanentes: Exposição de Rendas de Bilros e Cultura e Religião Afro-Brasileira.

Uma de suas exposições conta com uma das maiores coleções de rendas de bilros do mundo. São mais de 3.000 exemplares de rendas coletadas em todo o Estado do Ceará, na maioria dos Estados Brasileiros e em alguns outros países; a exposição de Cultura e Religião Afro-Brasileira é composta por peças de arte e artefatos sagrados que se referem às espiritualidades africanas, afro-brasileiras e indígenas, como os Candomblés e Umbandas. É uma das principais coleções brasileiras de cunho etnográfico sobre as religiões afro-brasileiras e parte expressiva das peças pertenciam ao acervo pessoal do antropólogo Arthur Ramos (primeira metade do Século XX).

Existem também peças religiosas que foram apreendidas pela Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) e pela Delegacia de Investigações e Capturas (DIC) do Ceará, em data desconhecida, e doadas ao Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará (IAUC), que funcionou de 1958 a 1968, primeira morada desses acervos antes de pertencerem à Casa José de Alencar.

R. Gentil Gomes, 6055, Alagadiço Novo
Fortaleza - CE

https://casajosedealencar.ufc.br/pt/

@casajosedealencaroficial

Taça Antropomórfica confeccionada em madeira, de procedência africana, provavelmente do Grupo Kuba. Imagem: Equipe CJA

Oxum. Fonte: Texto adaptado de Raul Lody. Coleção Arthur Ramos. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore; Fortaleza; Universidade federal do Ceará, 1987. Imagem: Equipe CJA

Ibejis. Fonte: Texto adaptado de Raul Lody. Coleção Arthur Ramos. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore; Fortaleza; Universidade federal do Ceará, 1987. Imagem: Equipe CJA

MAUC/UFC Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

O MAUC – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará é um equipamento cultural de notória atuação no país. Desde a sua criação na gestão do então reitor Antônio Martins Filho, em 1961, destaca-se por seu compromisso e esforço em promover ações inovadoras e criativas voltadas para a sociedade. Completando no último dia 18 de julho, nada menos que 63 anos de existência, o MAUC acumula significativas contribuições para as artes plásticas do Brasil, dando oportunidade para inúmeros artistas exporem suas artes e participarem de ações formativas, extrapolando os muros da Universidade e promovendo a circulação, valorização e o acesso à cultura.

Desde a sua estruturação como um museu universitário que reúne um acervo diverso e expressivo da produção artística brasileira – em especial, a cearense –, a instituição desempenha um importante papel formativo, investindo na qualificação profissional do seu corpo técnico – administrativo, oferecendo palestras, cursos, workshops, rodas de conversa, defesas de monografias, dissertações e teses, e uma ampla biblioteca e arquivo especializado para as mais diversas pesquisas.

O acervo, que cresce a cada ano, é composto por peças de arte sacra, arte popular, telas e esculturas de artistas plásticos do Brasil e do mundo, mas especialmente do Ceará como Raimundo Cela, Antônio Bandeira, Chico da Silva, Sérvulo Esmeraldo, Descartes Gadelha, Nice e Nilo Firmeza (artistas que contam com espaços dedicados às suas exposições dentro do Museu), Sebastião de Paula, João Pedro do Juazeiro e outros.

Em 2021 é criada a Revista anual Mauc, com o intuito de fazer conhecer as histórias e memórias do Museu. Para isso, as publicações contam com a participação de parceiros e parceiras externas na elaboração de textos, crônicas e homenagens a personagens ligados à trajetória da instituição. O Museu de Arte da UFC (MAUC) é um equipamento cultural que está incessantemente buscando se empenhar e contribuir com excelência para o campo artístico do Ceará e do País.

Av. da Universidade, 2854, Benfica
Fortaleza - CE

www.mauc.ufc.br

@museudeartedaufc

Coleção Descartes Gadelha. Imagem: Acervo MAUC

Fachada do MAUC. Imagem: Acervo MAUC

Detalhe da exposição 'Gravar os sonhos do mundo: 60 anos do Mestre da Xilogravura João Pedro do Juazeiro'. Imagem: Acervo MAUC

MUSCE
Museu do Ceará

O Museu do Ceará tem como principal missão promover reflexão crítica sobre a memória e história do Estado por meio de programas integrados de pesquisas museológicas, exposições, cursos, publicações e práticas pedagógicas.

Criado em 3 de fevereiro de 1932, como uma das dependências do Arquivo Público do Estado, mantido pela Secretaria dos Negócios do Interior e da Justiça, é a primeira instituição museológica oficial do Governo do Estado do Ceará.

Aberto ao público em 1933, como Museu Histórico do Ceará, a instituição também já foi denominada Museu Histórico e Antropológico do Ceará (1955).

Em 1951, foi desvinculado do Arquivo Público, e administrado pelo Instituto Histórico do Ceará.

Desde 1967 é gerido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-Ce) e foi transferido para o Palacete Senador Alencar na década de 1990.

O seu acervo é composto por diversas tipologias como numismática, mobiliário, iconografia, indumentária, história natural, paleontologia, etnografia, arqueologia, entre outras, totalizando 12.245 itens, que representam a história e a memória no Estado, incluindo o movimento abolicionista.

Atualmente, pela primeira vez em sua história, tem a direção de uma mulher negra e suas atividades estão sendo desenvolvidas no Anexo Bode Ioiô, sua sétima sede, enquanto o Palacete Senador Alencar aguarda por restauro.

Anexo Bode Ioiô | Rua Major Facundo, 584, Praça do Ferreira, Centro
Fortaleza – CE

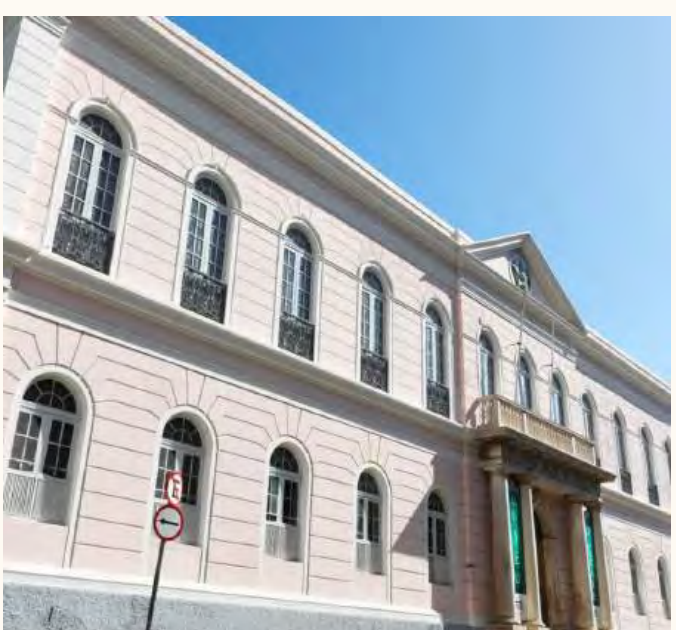
www.secult.ce.gov.br/2013/01/03/museu-do-ceara

@museudocearaoficial

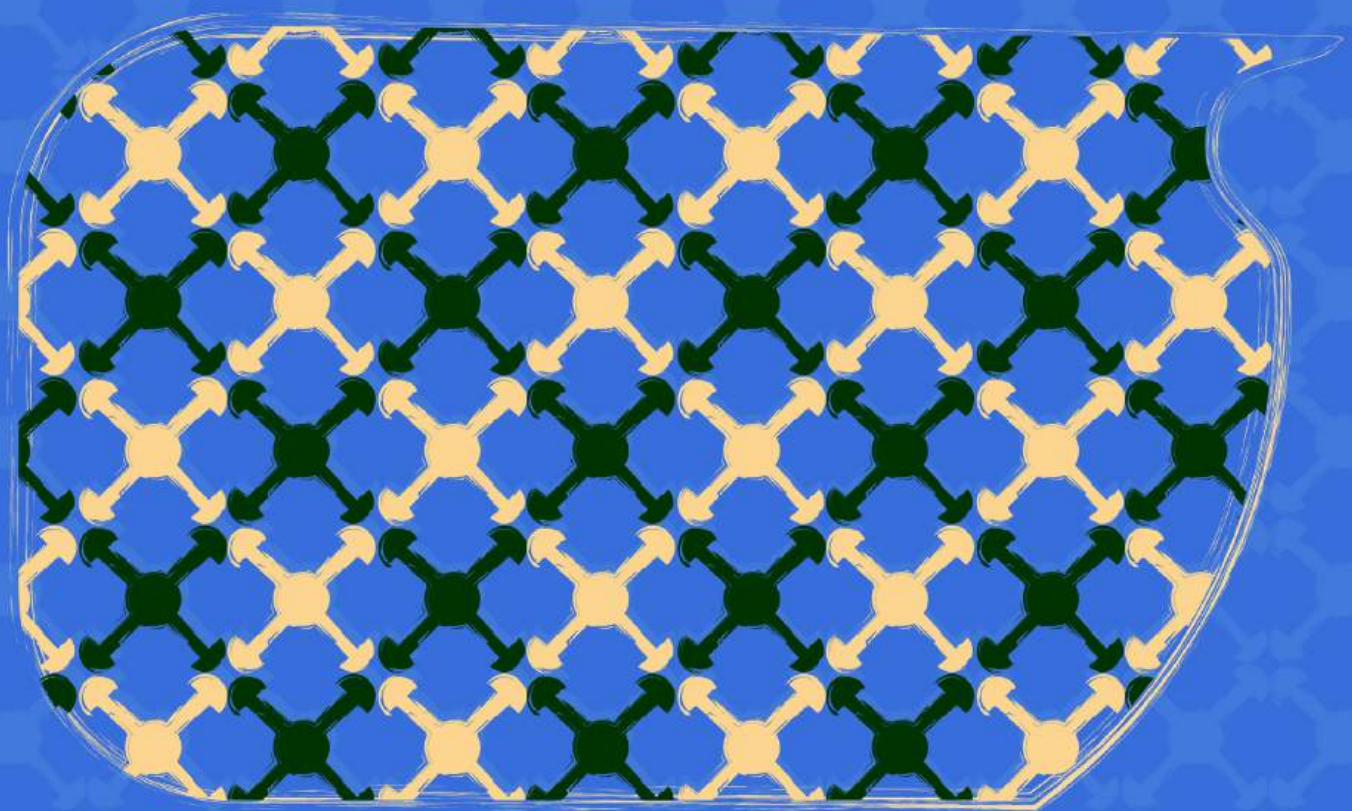
museudoceara

Figura de proa da barca Laura II. Imagem: Rômulo Fialdini

Contracapa do livro "A Província do Ceará", registro da proclamação da primeira provincia livre do Brasil Império. Imagem: Rômulo Fialdini



Fachada do MUSCE. Imagem: Rômulo Fialdini



DISTRITO FEDERAL

Instituto Memorial Lélia Gonzalez

O Instituto Memorial Lélia Gonzalez (IMELG) foi inaugurado em Brasília, no dia 1º de fevereiro de 2023, data de celebração do nascimento de uma das pioneiras em pesquisas sobre Cultura Negra no Brasil. O Instituto é uma proposta de sua família e de pesquisadores, educadores e ativistas.

Referência nos movimentos negros e de mulheres no Brasil, Lélia Gonzalez (Belo Horizonte, 1935 – Rio de Janeiro, 1994) era filósofa, antropóloga, escritora, professora, ativista do Movimento Negro Unificado (MNU) e militante pela luta de redemocratização no Brasil. Em 2023, foi indicada para seu primeiro monumento público em Minas Gerais.

A partir de sua história, produções bibliográficas e acervo fotográfico, a instituição visa preservar a memória da pensadora, honrando o seu legado de disseminar e de fortalecer a luta contra as desigualdades sociais, de raça e de gênero. Atualmente sem sede física, o Instituto mantém o seu acervo na cidade do Rio de Janeiro, realiza ações virtuais e desenvolve projetos em parceria com a Fundação Banco do Brasil (FBB) e com o Observatório das Favelas.

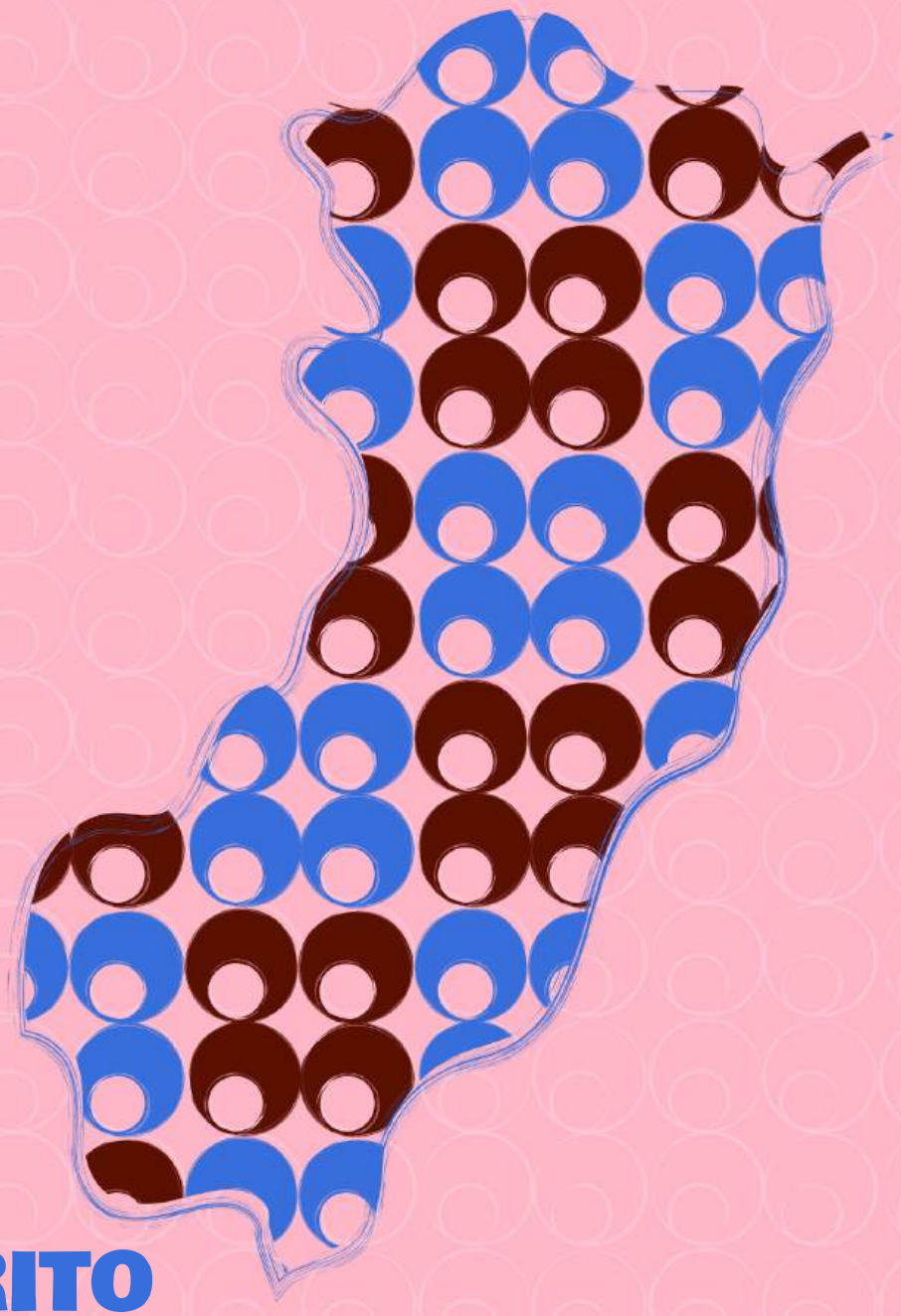
www.imleliagonzalez.com

@imleliagonzalez

Lélia em março de 1988. Fotografia: Luiz Duailibe Valdo Costa e Angelo Sá/ Acervo IMELG

Diploma de Lélia, 1960. Imagem: Acervo IMELG

Lélia na campanha do CNDM 'Diga Não à violência contra a mulher'. Brasília–DF, novembro de 1985. Imagem: Acervo IMELG



ESPÍRITO SANTO

MAPES
Museu de Arte das Paneleiras do Espírito Santo

O Museu de Arte das Paneleiras do Espírito Santo (MAPES) é situado em Vitória (ES), dedicado à preservação e valorização das Paneleiras de Goiabeiras. Este espaço comunitário reúne um acervo diversificado que inclui peças de barro, fotografias, indumentárias, materiais sonoros, literários e uma experiência imersiva sobre a identidade das mulheres protagonistas do barro capixaba.

Criado com a participação ativa da Comunidade de Goiabeiras Velha, o MAPES se destaca por seu caráter comunitário e inclusivo. O acervo é composto por doações de moradores locais, cada peça carregando uma história única e representativa da tradição e cultura das paneleiras. Além das tradicionais panelas de barro, o museu abriga miniaturas, jarros, petisqueiras, copos e outros itens confeccionados artesanalmente. Complementando esses artefatos, o MAPES também guarda livros sobre festas populares, discos de vinil da Banda de Congo Panela de Barro e estandartes históricos, enriquecendo ainda mais a experiência dos visitantes.

O projeto do MAPES foi idealizado por André Sopon e Lucas Martins, que inspirados por um curso de museologia social oferecido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e pela Secretaria de Cultura do Espírito Santo (Secult), aplicaram seus conhecimentos na organização do acervo que vinham colecionando. A dedicação em reconhecer e identificar a autoria das peças, observando os traços únicos de cada paneleira, eleva essas criações à categoria de arte, destacando-as como mais do que simples utensílios de barro.

O MAPES também oferece uma plataforma virtual, permitindo que todas pessoas interessadas conheçam e apreciem a riqueza cultural das Paneleiras de Goiabeiras. O museu não é apenas um repositório de objetos, mas um ponto de encontro cultural, onde são realizadas reuniões, exibições de documentários e outras atividades ligadas às tradições das paneleiras. Este trabalho de preservação e valorização cultural visa não apenas manter viva a memória das paneleiras do passado, mas também celebrar e apoiar aquelas que continuam a praticar essa arte ancestral.

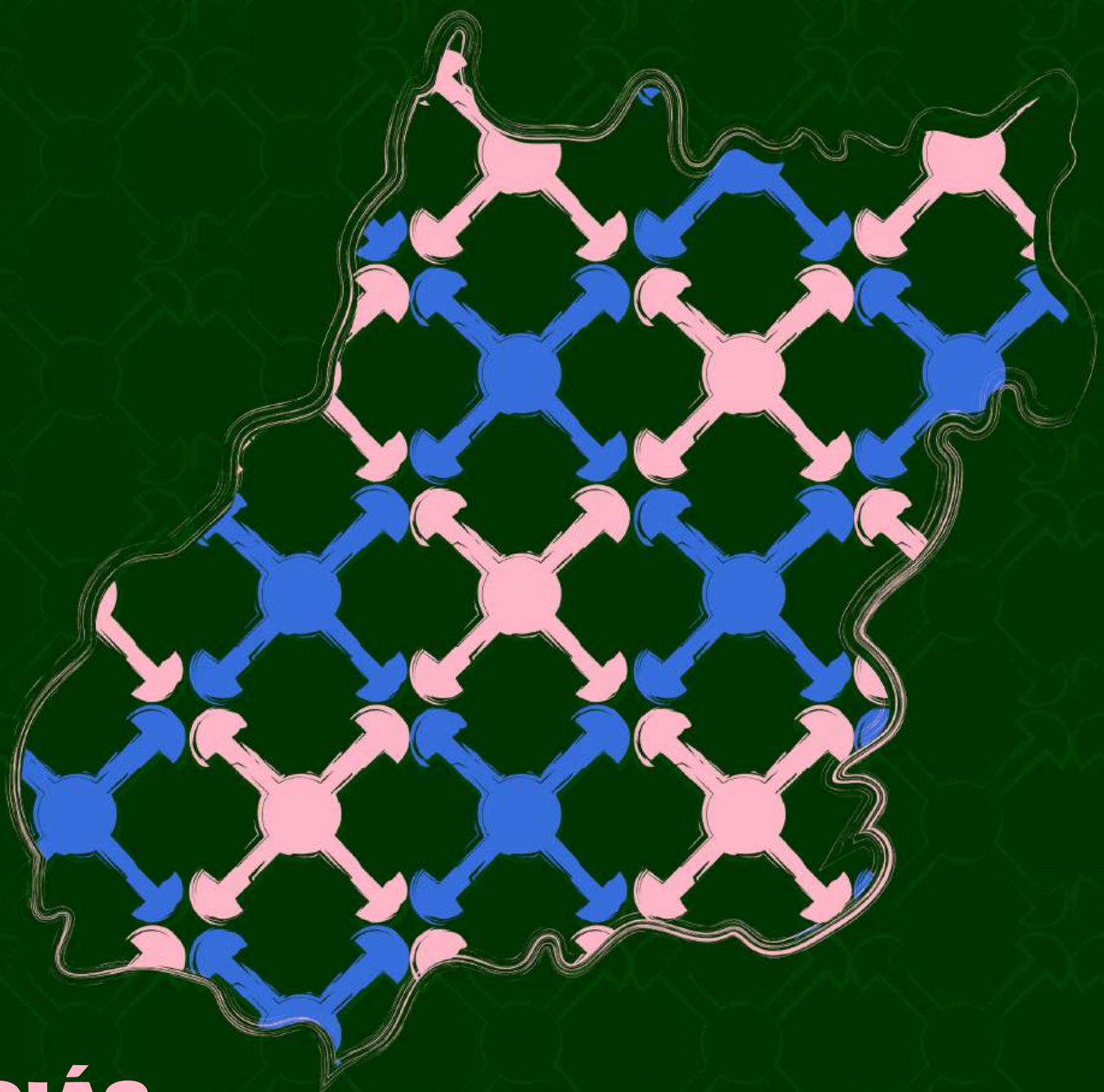
R. Leopoldo Gomes de Sales, 10, Goiabeiras
Vitória - ES

@mapesmuseu

Frigideira desenvolvida pela paneleira Palmira Rosa Siqueira de Alvarenga. Doada ao MAPES por membro da Família Alvarenga. Direitos autorais: @babadobar. Imagem: @andre_sopon

Parte do acervo do MAPES. Direitos autorais: @babadobar. Imagem: @andre_sopon

Jarro "Buião" (esquerda) desenvolvido pela paneleira Cecília de Jesus Santos em 1972. Cinzeiro desenvolvido pela Paneleira Mariane Silva Santos em 2022 para @xyz.vitoria. Direitos autorais: @babadobar | Imagem: @martinidrysilva



GOIÁS

Sertão Negro

O Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes, idealizado pelo artista visual Dalton Paula, oferece uma proposta de comunidade artística que viabiliza formação para jovens artistas locais, em especial pessoas negras fora do eixo Rio-SP. O intuito é fomentar a pesquisa e os processos artísticos integrando as artes com as cosmovisões dos saberes ancestrais e contemporâneos das populações afro-brasileiras, valorizando as manifestações culturais e populares dos terreiros e quilombos.

Localizado na região norte de Goiânia no Loteamento Shangri-la, com uma área de mais de 960 metros quadrados, o Sertão Negro é composto por um galpão central com pé direito duplo, onde se tem o ateliê compartilhado e um mezanino privativo. Na área externa há uma ampla cozinha com fogão e forno à lenha, três chalés para hospedagem de artistas, uma choupana em formato circular coberta com palha de piaçava e um quintal com dois lagos. O local ainda possui um forno industrial para queima de cerâmica, porcelana e vidro; uma prensa de gravura e uma biblioteca com cerca de três mil livros. Na choupana são realizadas as aulas de capoeira angola, gravura e cerâmica. O projeto foi criado em abril de 2021, mas somente em 2022 iniciou efetivamente suas atividades.

Atualmente, o ateliê-escola atende cerca de 30 pessoas que atuam como assistentes, estagiários e artistas residentes no acompanhamento individual e em suas pesquisas coletivas. Em sua programação, o espaço contempla o cineclube Maria Grampinho, que prioriza produções audiovisuais com diretores e/ou protagonistas negros; o Programa de Residência Artística nacional e internacional; e o trabalho com agroecologia, que propõe o resgaste e a construção de acervo botânico com referências afro-brasileiras, permeado pela religiosidade, por valores medicinais e alimentares. Dessa maneira, mantém inequívoca a proposta do projeto, que é ser um quilombo, um espaço artístico-cultural de compartilhamento de processos criativos e vivências junto ao meio ambiente.

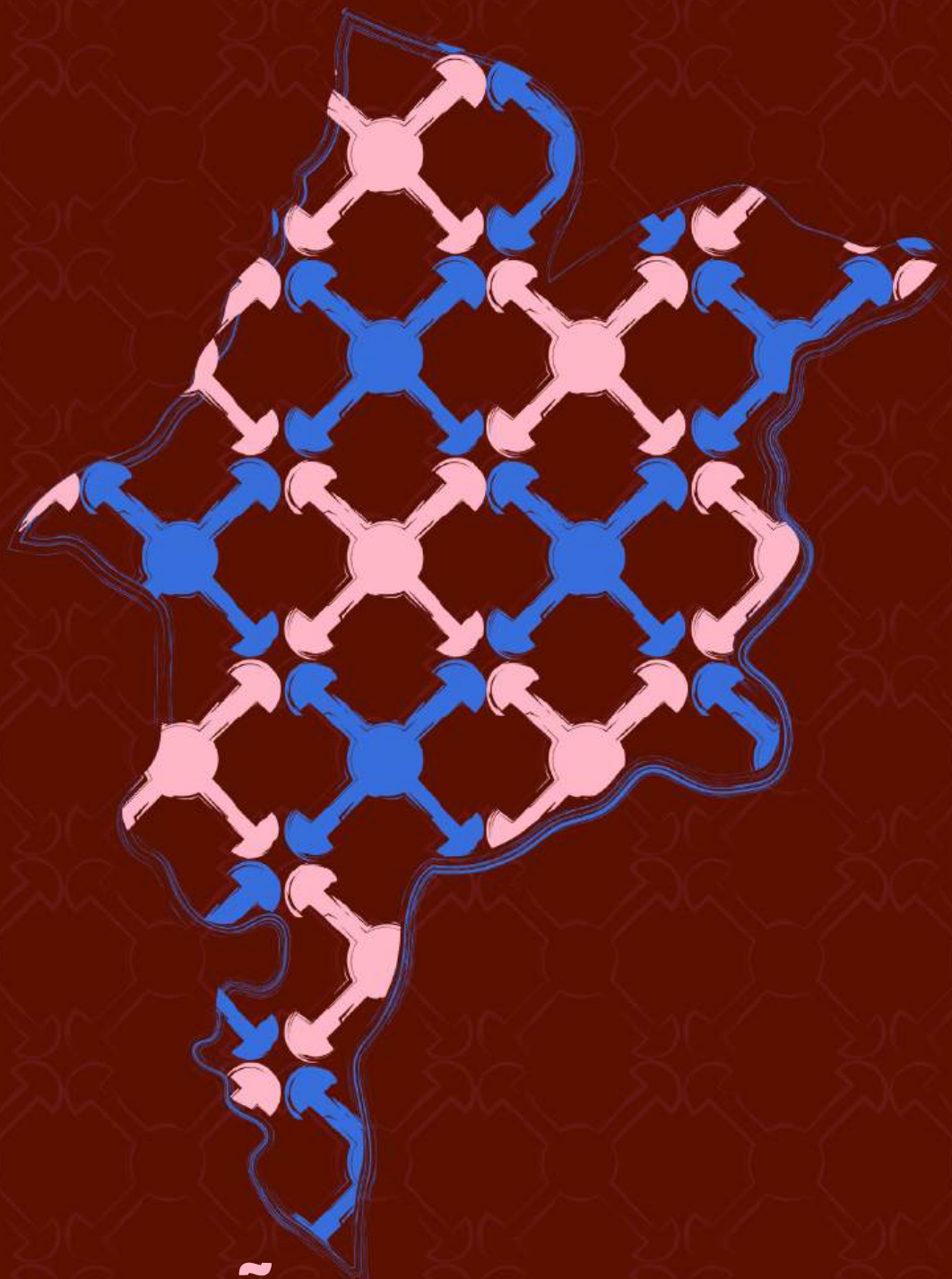
R. Goiazes, qd. P, lt. 9, Loteamento Shangry-la Goiânia, GO

@sertao_negro

Espaço do galpão abriga ateliê e biblioteca. Imagem: Paulo Rezende

Sertão Negro realiza trabalho de agroecologia. Imagem: Paulo Rezende

Biblioteca do Sertão Negra conta com cerca de três mil livros. Imagem: Paulo Rezende



MARANHÃO

Cafua das Mercês
Museu do Negro

A Cafua das Mercês ou Museu do Negro fica situada em São Luís do Maranhão e foi inaugurado em 5 de fevereiro de 1975, tendo como principal missão divulgar e preservar a história afrodescendente do seu Estado. O acervo é constituído por peças e documentos referentes à história da escravidão, objetos de religiosidade afro-brasileira, peças de arte africana dos países Benim, Costa do Marfim, Gabão, Guine Bissau, Mali, entre outros

Seu nome "Cafua" tem origem na língua africana banto, que dentre diversos significados quer dizer "cova", "caverna", "lugar escuro". Sua localização, próxima ao antigo Porto do Desterro, era onde desembarcavam os navios vindos de África, sendo o prédio um antigo depósito de guarda de material e também do comércio de pessoas escravizadas, onde depois eram ofertadas nos mercados públicos de São Luís.

Hoje, o museu possui objetos de culto de cerimônias religiosas afro-maranhenses, como tambor de mina que cultua os voduns, cura e pajelança. O prédio, construído no século XVIII, sofreu algumas intervenções na sua estrutura e foi adaptado para receber o museu. A museóloga Jenny Dreyffus e o escritor José Jansen foram responsáveis por reunir seu acervo inicial. A Cafua das Mercês recebe diariamente centenas de visitantes.

R. Jacinto Maia, 54, Centro
São Luís - MA

@cafua.ma
@museuhistoricoeartistico

Altar do Divino Espírito Santo com bandeiras, roupas de Imperador e Imperatriz, caixas e baquetas da caixeiras. Montado na Cafua das Mercês, com procedência de terreiros diversos. Imagem: Acervo Cafua das Mercês

Máscara Baulê, da Costa do Marfim, séc. XX. Procedência de João Maurício de Araújo Pinho do século XX. Imagem: Acervo Cafua das Mercês

Cachimbos de Xangô Erê (Xangô menino), séc. XX. Doação de Jorge Itaci-Kadamanja, do Terreiro de mina Yiê Ashe Yemowá Abê, São Luís.
Imagem: Acervo Cafua das Mercês

MAD/MA
Museu Afro-digital do Maranhão

O Museu Afro-digital do Maranhão – MAD/MA, fundado por Sérgio Figueiredo Ferretti, está vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia – DESOC/UFMA da Universidade Federal do Maranhão, que mantém e atualiza o acervo etnográfico, histórico-social e artístico de culturas afro-brasileiras e africanas no seu Estado.

O MAD/MA é uma linha de pesquisa do Grupo Religião e Cultura Popular – GP Mina, que conta com um rico acervo de fotografias e filmagens que contribuem para a valorização e (re)construção de memórias das identidades negras no Estado do Maranhão. Esse material, composto de estudos etnográficos de pesquisadores como Mundicarmo Rocha Ferretti, Sérgio Figueiredo Ferretti e Pierre Verger, é diversificado e atual. Associa-se, atualmente, a fotografias e filmes de pesquisadoras e pesquisadores que fazem parte do Museu Afro-Digital do Maranhão.

Seus membros, antropólogas, historiadores, mestres em tecnologia, artistas plásticas, bem como alunas de graduação e pós – graduação em ciências sociais, ciências da computação, artes visuais e história, atuam desenvolvendo estudos que articulam o MAD/MA aos temas da educação, cultura e tecnologia em diálogo constante com as relações de gênero. O MAD/MA é ainda um espaço de estágio para os alunos e alunas desses cursos, que compreendem e dialogam com a necessidade de inserir o ancestral no mundo digital.

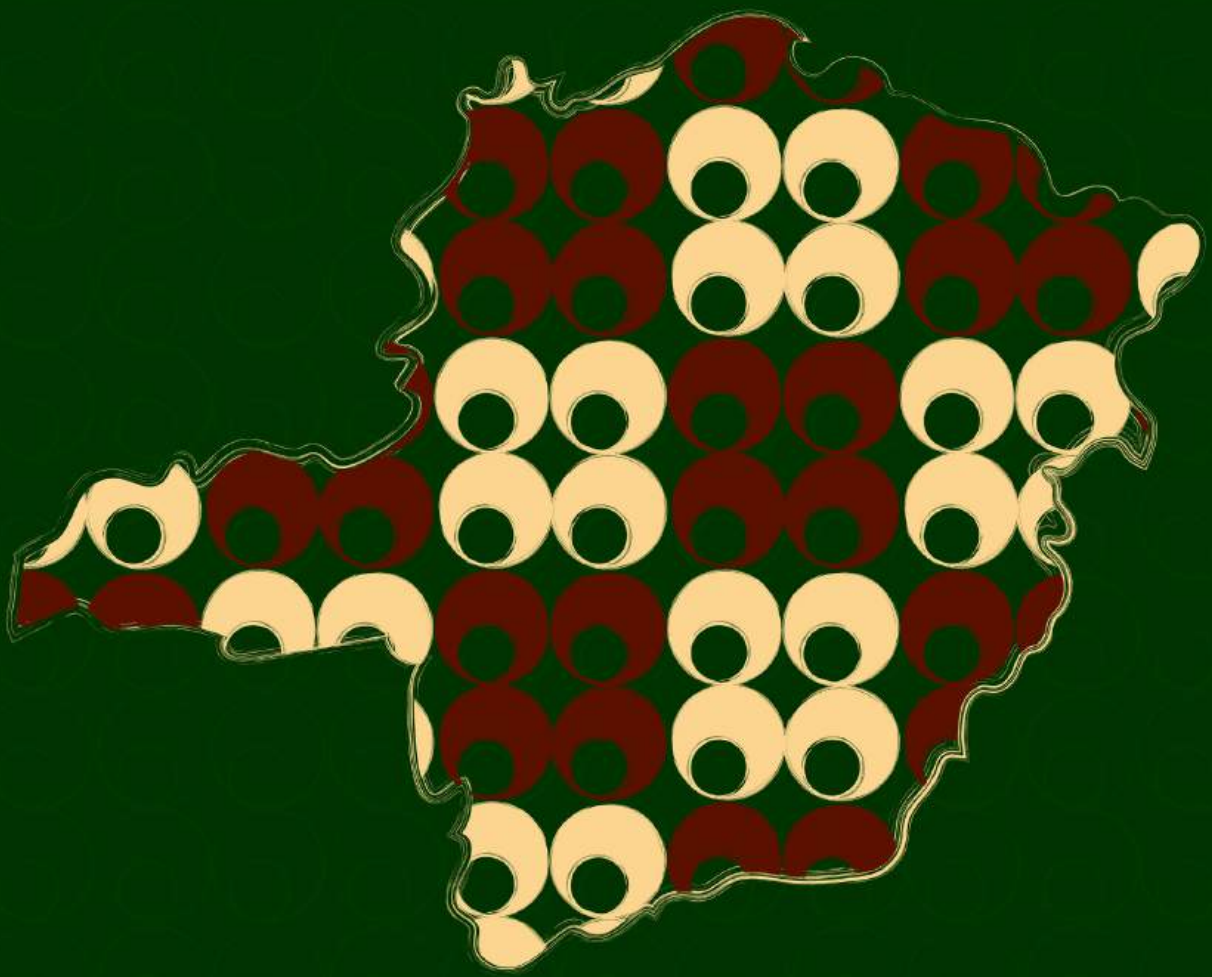
www.museuafro.ufma.br/

@museuafroma

Casa das Minas – São Luís/MA (ritual de despedida dos voduns, 1983). Imagem: Sérgio Ferretti

Quilombo Bacabal, Anajatuba/MA (Festa de São Benedito, 2023). Imagem: Wellington Barbosa dos Santos.

Terreiro Jardim de Encantaria – São Luís/MA (morte do boi de encantado Barbatão, de Terezinha de Leguá, 2023). Imagem: Marilande M. Abreu



MINAS GERAIS

Nagôgrafia
Museu dos Caminhos Negros

O Nagôgrafia é um projeto de Arquivo Fotografico dos Caminhos Negros que nasce na passagem de 2019 para 2020, por conta da crise sanitária da covid-19 em Belo Horizonte. Tem sob seu princípio registrar as materialidades visuais dos membros das comunidades tradicionais de terreiros, artistas visuais e artistas da cena que tiveram suas performances comprometidas pelo processo de isolamento social.

NAGÔ (idioma yorubá falado na Nigéria e Benin) em sua tradução livre, sinaliza os caminhos percorridos tanto como pontos de geolocalização, como também possíveis aberturas e encruzilhadas. Nos casos específicos do Maranhão, Recife, Cuba e Haiti, onde existem 'Nações Nagôs', noções possíveis para 'Negridão e a Negrura', seu significado ganha a noção de todas as afluências negras, desde os penteados de cabelo (nagô braids - Trança Nagô) até as nomenclaturas de tecidos africanos.

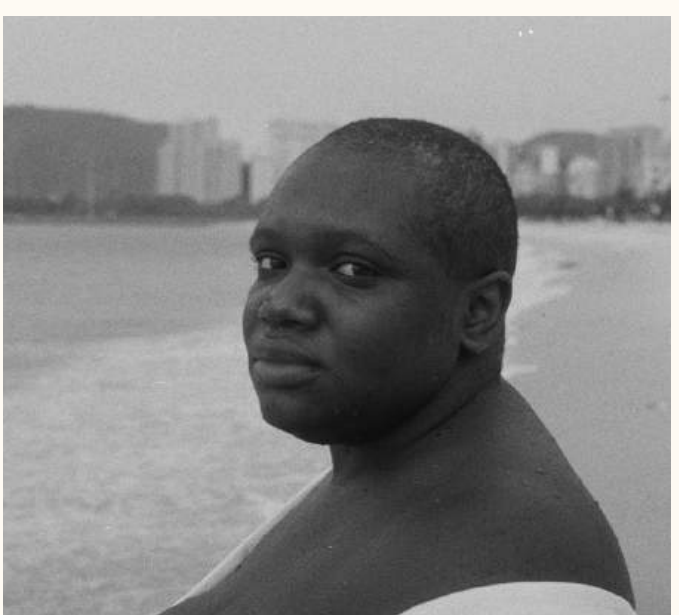
O projeto registrou eventos históricos, sobretudo interseções de coletivos de arte negra, artistas individuais e procissões religiosas. Em Belo Horizonte, está inserido em diversos contextos religiosos do candomblé da nação Ketu, onde se pratica a cultura dos orixás iorubás do panteão Nagô, compartilhando as raízes das culturas de umbanda e candomblé Angola em Minas Gerais.

Ciente desses processos simultâneos, o Nagôgrafia é um dossiê de musealização e preservação, em diálogos com o processo de reconstrução e materialização de suas raízes culturais e patrimônios. No Brasil, a Nagôgrafia é a escrita de todos os lugares onde negros africanos estiveram fisica e espiritualmente, acentuando o que há de mais belo e único em todos os fenótipos dos mais diversos corpos e expressões presentes em todo o território diaspórico.

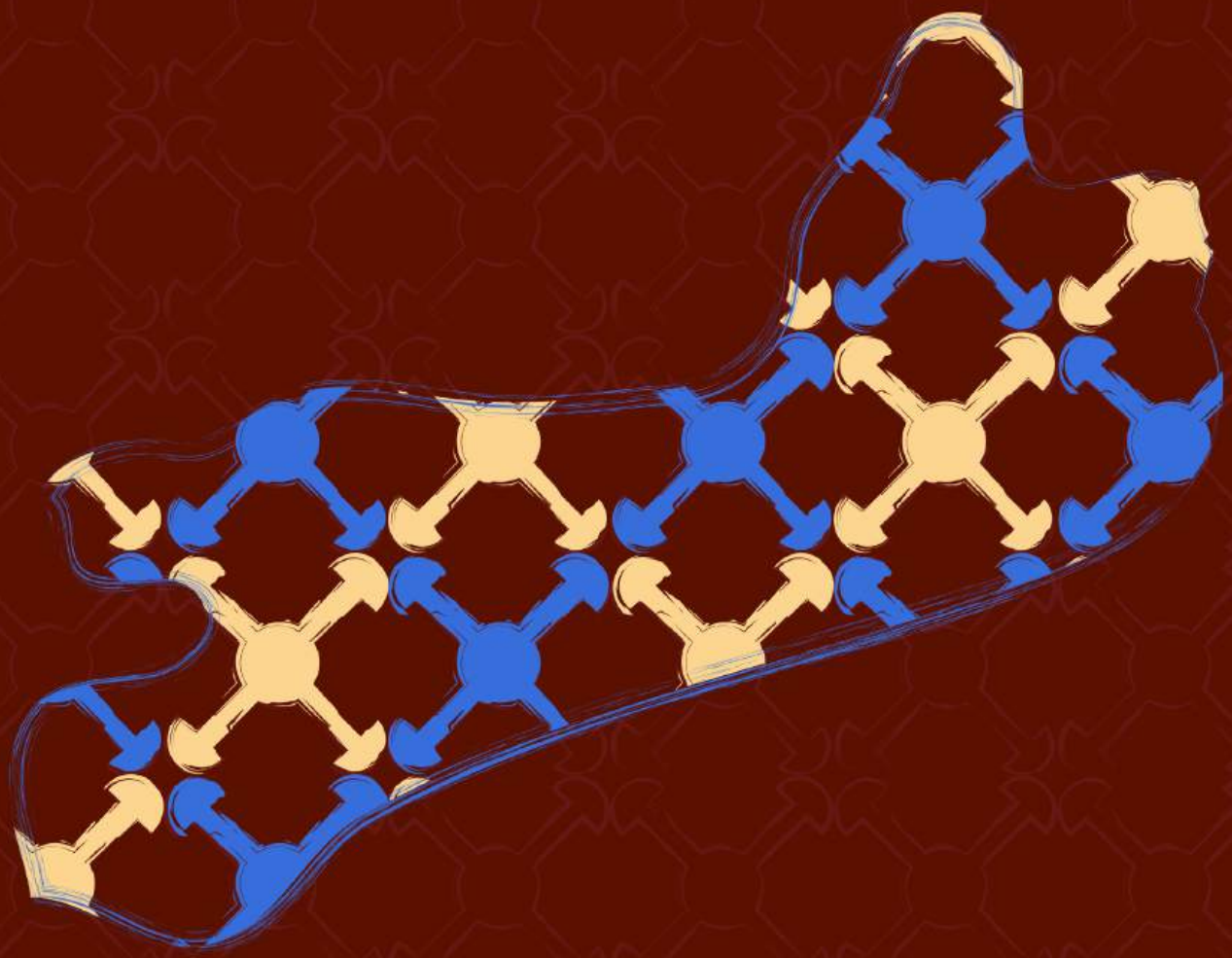
@nagografia

Performance 'Pra Que Parte Vai O Rio ?', de Massuelen Cristina.
Fotografia: Vitú de Souza

Performance 'Corpocontinente', de Massuelen Cristina.
Fotografia: Vitú de Souza



Performance 'Corpocontinente', de Massuelen Cristina.
Fotografia: Vitú de Souza



RIO DE JANEIRO

Acervo Maria Buzanovsky

O Acervo da fotógrafa Maria Buzanovsky contribui com a preservação e a disseminação da memória de manifestações culturais afro-brasileiras ao documentar o Funk, o Passinho, o Carnaval e especialmente a Capoeira no Brasil e no exterior, com suas Mestras e Mestres e as mais tradicionais Rodas de Capoeira da atualidade.

Maria deu início ao acervo na cidade do Rio de Janeiro em 2009, a partir de seus registros fotográficos. Ao longo dos anos integrou diferentes projetos de memória e salvaguarda dos grupos culturais registrados.

As fotografias do acervo integram as coleções do Museu de Arte do Rio, do Museu Janete Costa de Arte Popular (RJ), do Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos do Brasil, da Unesco, além de exposições e artes para álbuns musicais.

@fotosdecapoeira

Passinho. Yuri Mister Passista/Os Criaz. Parque de Madureira-RJ, 2014.
Fotografia: Maria Buzanovsky

Imani e Mestre Sapoti, Roda de Yemanjá. Salvador-BA, 2017.
Fotografia: Maria Buzanovsky

Mestre Moa do Katendê (in memoriam). Roda de Yemanjá. Salvador-BA, 2017. Fotografia: Maria Buzanovsky

Egbe Ilê Iya Omidaye Ase Obalayo Museu Memorial Oxum

O Egbè Ilè Ìyá Omidayè Asé Obálayó é um espaço sagrado da cultura dos Povos Tradicionais de Terreiros, dedicado aos orixás Oxum e Xangô, que foi instituído nos anos 1950, em São Gonçalo – RJ. Conduzido por Mãe Márcia D'Oxum, em 2022, o terreiro foi tombado como Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC.

Como Ponto de Cultura, abriga o Memorial Oxum, a Biblioteca da Ancestralidade, a Brinquedoteca Vô Pedro e o Ilé Ibó, local de árvores e ervas sagradas. Nesses espaços, são desenvolvidos projetos de ações afirmativas, culturais, sociais e de saúde, acolhendo famílias da comunidade.

A instituição é parceira de iniciativas como a Cartilha de Direitos dos Povos Tradicionais de Matriz Africana, da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB RJ.

R. Dalmir da Silva, 8, Sacramento
São Gonçalo, RJ

www.omidaye.com.br/

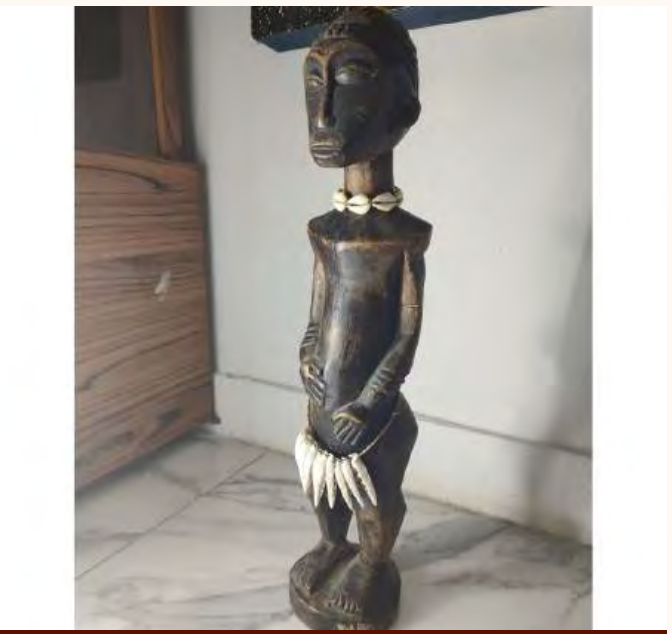
Exposição Virtual Etnoturismo Omidayè

@mae.marciadoxum

maemarciadeoxum

Abebé de Oxum. Imagem: Acervo Museu Memorial Oxum

Coroa de Oxum. Imagem: Acervo Museu Memorial Oxum



Estatueta iorubá de Oxum. Imagem: Acervo Museu Memorial Oxum

Iê Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira

A Associação de Capoeira Kilombarte, reconhecida pelo IBRAM como Ponto de Memória e Instituição responsável pelo Ponto de Cultura Rádio Capoeira e pela Biblioteca Comunitária Francisco da Silva Cyríaco (maior biblioteca comunitária da região com mais 12 mil livros, revistas e jornais), lançou, no dia 21 de outubro de 2023, no bairro de Vila Olímpia, na cidade de Guapimirim, Estado do Rio de Janeiro, o IÊ – Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira.

O IÊ – Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira é reconhecido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa – SECEC-RJ, por intermédio do Sistema Estadual de Museus do Rio de Janeiro – SIM-RJ, como integrante do Cadastro Fluminense de Museus, colaborando com o Sistema Estadual de Museus e contribuindo para os processos museológicos no estado do Rio de Janeiro.

O Museu foi concebido a partir do recolhimento de peças transferidas por doação, e especialmente do acervo pessoal do Mestre Paulão Kikongo, que reúne uma diversidade de materiais relacionados ao mundo da capoeira, entre livros, jornais, revistas, documentos diversos, vídeos, cartazes, fotografias, troféus, mídias, equipamentos de audiovisual, berimbaus, xequerês, agogôs, reco-recos, macumbas e outros instrumentos da Roda de Capoeira. O acervo começa a ser adquirido desde o final da década de 1970.

A partir de seu acervo, o IÊ tem como finalidade a sensibilização da comunidade local e do público em geral, por meio da oferta de atividades educativas, artísticas e culturais e da disponibilização de coleções bibliográficas e audiovisuais para consulta, sendo portanto uma iniciativa associada à salvaguarda da capoeira, representando e saudando a todos os Mestres e Mestras que no passado envidaram esse patrimônio e àqueles e àquelas que mantém viva a memória e o encantamento por essa arte.

R. Júpiter, 84, Vila Olímpia
Guapimirim, RJ

www.museudacapoeira.com

@iemuseudacapoeira

Livro 'O Jogo da Capoeira - 24 Desenhos de Caribé, 1951'. Imagem: Paulo Henrique Menezes da Silva

Jornal Muzenza - O Informativo da Capoeira. Imagem: Paulo Henrique Menezes da Silva

Ela chega na roda e dá salto mortal. Autoria: Dayse Gomis, 2024. Imagem: Paulo Henrique Menezes da Silva

Ipeafro
Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros

O Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) é uma associação sem fins lucrativos com sede no Rio de Janeiro, e que exerce sua ação em quatro áreas: ensino, pesquisa, cultura e documentação. O instituto cuida e faz a gestão do legado de Abdias Nascimento. Seu acervo é composto por produção artística própria e pela coleção do projeto Museu de Arte Negra, que nasceu da atuação do Teatro Experimental do Negro, fundado por ele em 1944.

Seu acervo documental reúne a iconografia e os documentos de texto (recortes de jornais e revistas, programas teatrais, manuscritos, correspondências, registros de sua atuação parlamentar, etc.) dele e das organizações que criou. O acervo possibilita múltiplas expressões nos mais variados contextos. Esse trabalho dá sustento às atividades do Ipeafro na área do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira através de exposições, fóruns, cursos e publicações. O conteúdo do acervo também é disponibilizado e difundido por meio de seu site e outros canais na internet.

Fonte única de informações sobre a matriz africana na cultura e na história brasileira, o acervo contém imagens, documentos, obras de arte e registros audiovisuais produzidos e recebidos por Abdias Nascimento e pelas instituições que ele criou ao longo de sua vida ativa. Os itens datam de 1926 até o presente: 15 mil imagens (cromos, negativos, e ampliações fotográficas); 25 metros lineares de documentos textuais; 800 peças museológicas contendo prêmios, medalhas e obras de arte como pinturas, desenhos, gravuras, esculturas em diversos tamanhos e materiais; 200 obras de Abdias Nascimento; 400 obras de arte da coleção Museu de Arte Negra e mais de 3.000 títulos do acervo bibliográfico.

Devido ao conjunto de sua obra, Abdias foi oficialmente indicado ao Prêmio Nobel da Paz. O acervo Abdias Nascimento é reconhecido pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) como de interesse nacional, e pela UNESCO, inscrito no registro Memória do Mundo nos níveis Brasil, América Latina e Caribe.

R. Benjamin Constant, 55/ 1101, Glória
Rio de Janeiro, RJ

www.man.ipeafro.org.br

@ipeafro

Quilombo
VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO
NÓS
Ha preconceito de côr no Teatro?

1ª edição do Jornal Quilombo, 1948. Imagem: Acervo Museu de Arte Negra Ipeafro

Obra Oke Oxossi no catálogo MASP 'Abdias Nascimento, um artista pan-amefricano', 2022. Imagem: Acervo Museu de Arte Negra Ipeafro

Obra Oxum em Êxtase, de Abdias Nascimento. Acrílica sobre tela, 153 x 102 cm. Búfalo, EUA, 1975. Imagem: Acervo Museu de Arte Negra Ipeafro

MUHCAB
Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira

O Museu da História e da Cultura Afro-brasileira (MUHCAB) está situado na região da Pequena África, zona portuária do Rio de Janeiro, e tem como marco zero o Cais do Valongo, a partir do seu reconhecimento e titulação como Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO em 2011.

O MUHCAB é um museu de tipologia híbrida, na associação dos conceitos de museu de território, a céu aberto, histórico e socialmente responsável. Sua missão institucional é transformar o entendimento do que é ser negro no Brasil pelas vozes de seus protagonistas, empoderando as comunidades afro-brasileiras pela garantia do direito de conhecer, preservar e disseminar sua história de afirmação e resistência a partir do território físico e simbólico do Cais do Valongo e entorno.

A Pequena África e seus lugares de memória, abarcam diversos períodos da história e da cultura negra na cidade do Rio de Janeiro: desde a chegada dos africanos escravizados no Cais do Valongo até a contemporaneidade, passando por importantes fatores históricos, sociais, culturais, artísticos e religiosos ligados à cultura afro-brasileira.

Com um acervo que conta com aproximadamente 2.200 itens museológicos, arquivísticos e bibliográficos que compreendem desde documentos do período escravagista até obras de artistas negros contemporâneos e suas múltiplas linguagens, o MUHCAB pretende contar a história da região que testemunhou o maior desembarque de africanos escravizados no mundo, seus importantes marcos de afirmação negra e da cultura afro-brasileira, bem como debater conceitos que emanem a situação do negro no Brasil hoje.

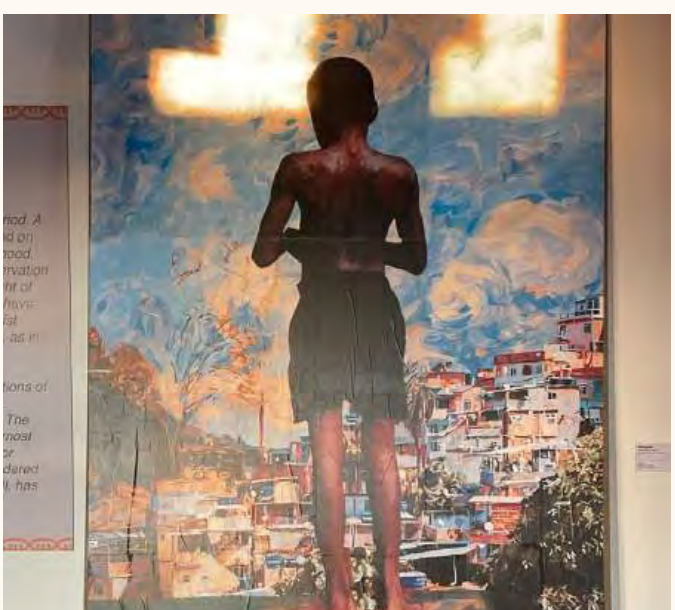
R. Pedro Ernesto, 80, Gamboa
Rio de Janeiro, RJ

www.rio.rj.gov.br/web/muhcab

@muhcab.rio

Fachada do MUHCAB. Imagem: Babi Reis

Sala de exposições do museu. Imagem: Divulgação/MUHCAB



Obra 'Persistir', 2021, de Hebert Amorim em exposição realizada no MUHCAB. Imagem: Divulgação/MUHCAB

Museu Nacional | UFRJ

O Museu Nacional é uma instituição bicentenária, criada em 1818 por D. João VI. Trata-se do primeiro museu do Brasil e um dos mais antigos da América Latina. Na década de 1940 tornou-se um museu universitário vinculado à Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente encontra-se em processo de reconstrução em razão do grande incêndio que o atingiu no ano de 2018.

Desde sua fundação, o Museu Nacional tem tido atuação pioneira na formação das ciências naturais e antropológicas, dentro dos múltiplos esforços institucionais de desenvolvimento de uma ciência brasileira. Uma das características dos chamados museus de história natural, seu modelo inicial, é a de que neles vigorava o estímulo à pesquisa e ao trabalho de campo. Por essa especificidade, o Museu Nacional se tornou um centro polarizador de pesquisadores nacionais e estrangeiros que aqui se sediavam para a organização de suas expedições, propiciando a acumulação de um extenso acervo sobre a diversidade cultural brasileira, fruto de múltiplos encontros entre colecionadores, cientistas, líderes, artesãos e artesãs de diversos povos e regiões do Brasil e do mundo.

O Setor de Etnologia e Etnografia do Departamento de Antropologia (SEE/DA) é o responsável pela guarda das coleções etnográficas do Museu Nacional. No processo de reconstrução da instituição, parcerias tem sido feitas com comunidades quilombolas e de terreiro a fim de recompor o acervo etnográfico de modo participativo, reparar silenciamentos históricos decorridos do espaço museológico, apoiar as políticas de memória das comunidades de origem e construir no Museu Nacional/ UFRJ um patrimônio nacional de memórias vivas.

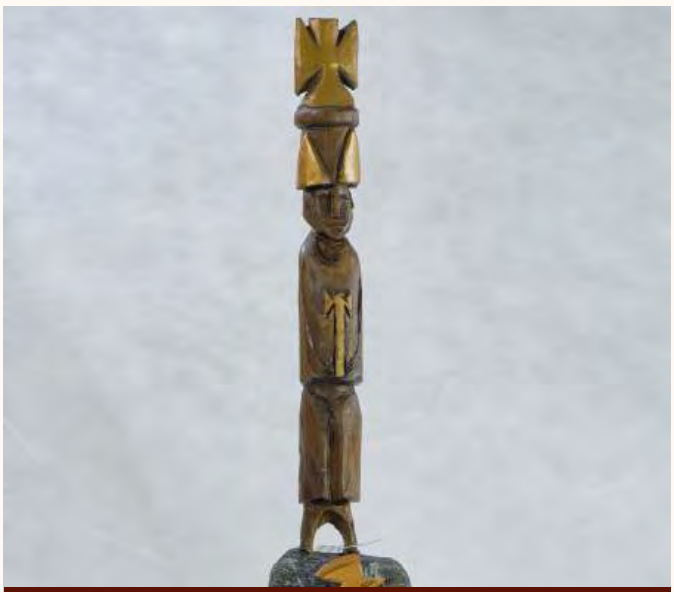
Quinta da Boa Vista, São Cristóvão
Rio de Janeiro, RJ

www.museunacional.ufrj.br

@museunacionalufrj
@etnomuseu

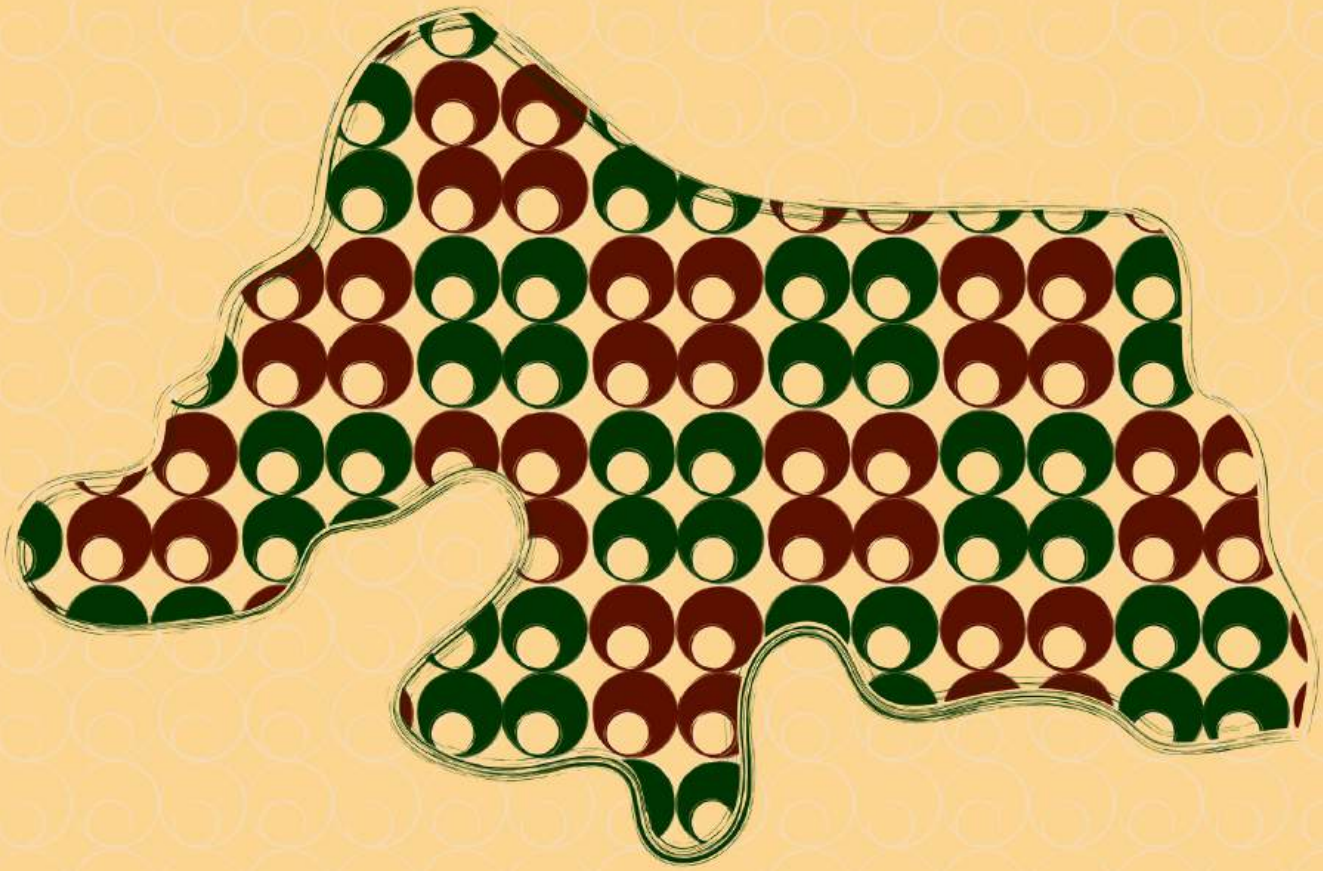
MuseuNacionalUFRJ

Representação de Xangô. Década de 1880. Rio de Janeiro. Apreensão da polícia. Desaparecido no incêndio de 2018. Imagem: Roosevelt Mota/ Acervo SEE/DA



Representação de Xangô. Obra de Jonathan Nobre. Ilé Àsẹ Ògún Àlákòró, Quilombo de Bongaba, Magé (RJ). Imagem: Diogo Vasconcellos/Acervo SEE/DA

Pote grande. Obra de Maria das Neves de Souza. Quilombo Buriti do Meio, São Francisco (MG). Imagem: Francisco M. da Costa/ Acervo SEE/DA



RIO GRANDE DO NORTE

Casa Afropoty
Sociedade Afrocentrada

A Casa Afropoty Sociedade Afrocentrada é uma organização negra potiguar formada por pesquisadores-artistas comprometides com a valorização e disseminação da cultura e artes afro-brasileiras. Localizada no Rio Grande do Norte, seu objetivo é ir contra narrativas de não existência, contando histórias afro potiguares através de pesquisa e arte.

As ações da CASA se concentram na promoção de pesquisas em relação às estéticas negras potiguares, através do desenvolvimento de um conceito de arte entregue ao público em forma de narrativas afro referenciadas em múltiplas linguagens criativas como a moda, as artes visuais, a performance e o audiovisual. Seu acervo fotográfico e filmográfico provoca o campo de representações das diversidades de vivências, identidades e trajetórias relacionadas às culturas afro potiguares.

A Casa Afropoty acredita na comunidade como uma das principais tecnologias ancestrais do povo, de modo a prezar pela articulação entre pessoas, grupos e instituições, compartilhando do compromisso de valorização e disseminação da cultura e arte afro-brasileira, bem como do combate às discriminações raciais, sociais e de gênero.

R. Maestro Tom Jobim, 12A, Neópolis
Natal, RN

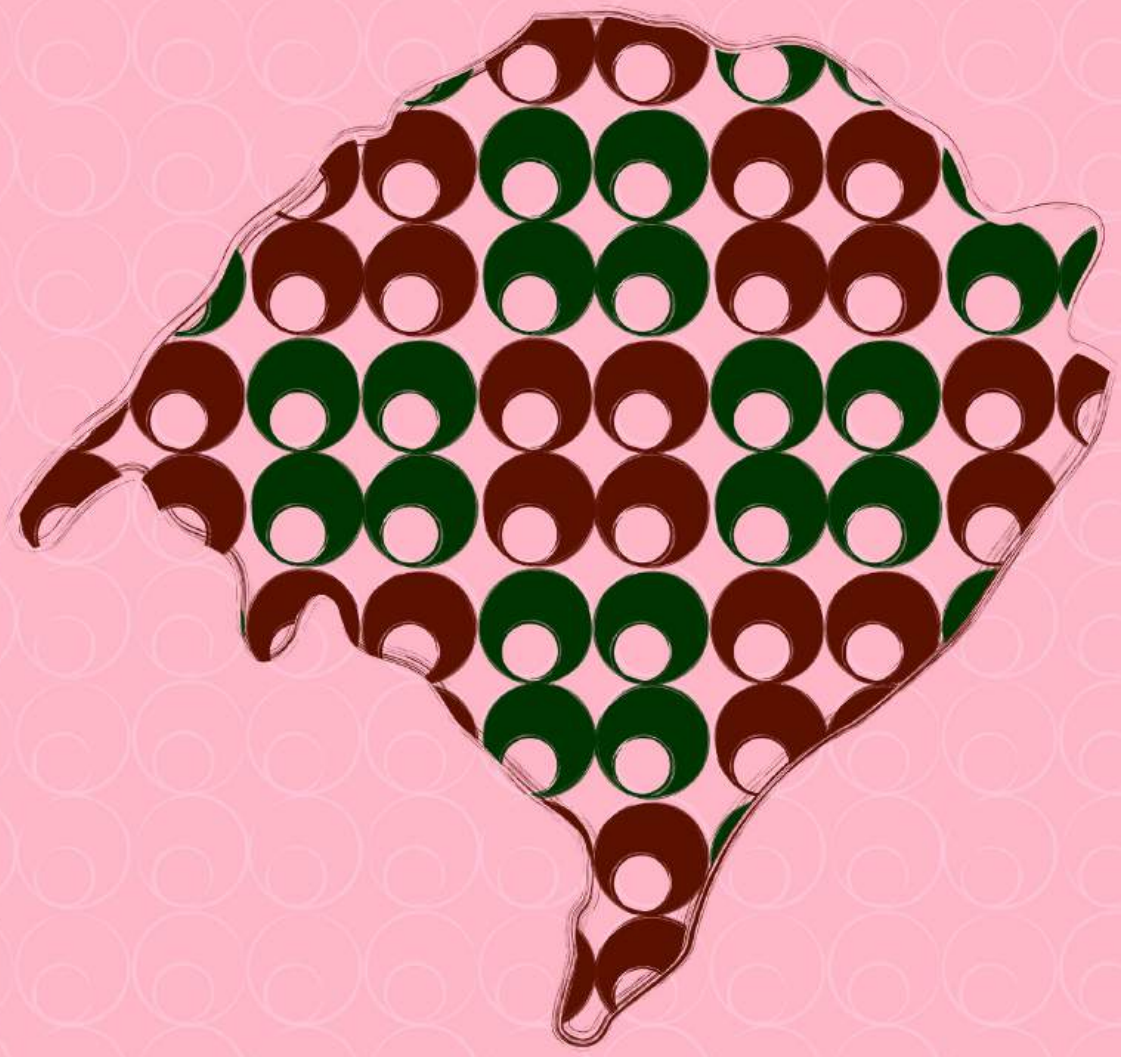
casaafropoty.wixsite.com

@casaafropoty

Inddiegente Zu. Pesquisa visual Baile Black da Casa Verde, 2021. Imagem: Stéphanie Moreira

Monã. Pesquisa visual Baile Black da Casa Verde, 2021. Imagem: Stéphanie Moreira

Takará e suas facas. Imagem: @thamisecerqueira_34



RIO GRANDE DO SUL

Capoeira Park
Coleção Pedro Homero

Pedro Homero nasceu em Porto Alegre no dia 26 de março de 1933, foi artista plástico e músico, além de figura atuante e influente na movimentação da cultura negra na sua cidade. Teve forte atuação político – social, o que o levou a participar do 1° Fórum Social Mundial em 2001, realizado na mesma cidade. Foi um grande articulador cultural do movimento negro, reunindo na cidade diversos integrantes para a criação da Frente Negra de Artes, tendo sido também um dos responsáveis pela criação da lei do 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

Seu acervo conta com diversas pinturas e a gravação do álbum dedicado ao violão brasileiro intitulado "O Assunto é Violão". Participou de diversos festivais da canção pelo Brasil, chegando a se apresentar com nomes consagrados como o de Lupicínio Rodrigues. Junto com o poeta Silveira de Oliveira, publicou em 1995 o livro "Orixás: Pintura e Poesia".

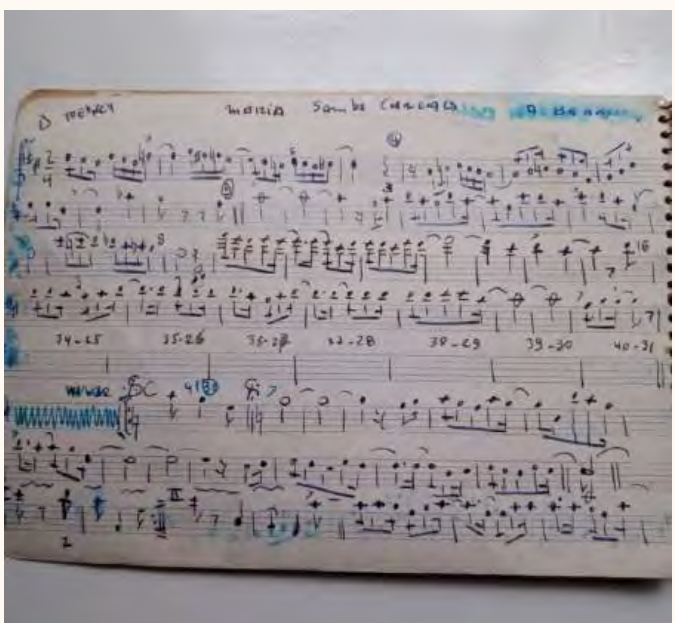
Pedro Homero morreu em 2005, e de lá para cá, pessoas influenciadas pelo seu trabalho, como sua sobrinha Priscila Homero e o capoeirista Cássio Tambor, um dos responsáveis pela preservação de grande parte do acervo do artista, buscam o reconhecimento de sua biografia como um dos principais artista e ativista da cultura negra no Rio Grande do Sul e no país.

A Capoeira Park, a partir da preservação e divulgação de seu acervo, busca fazer conhecer o legado do multiartista que, através de sua arte, foi inserido em um contexto onde sua participação social o fez uns dos principais nomes da luta pelos direitos sociais e civis das pessoas negras no Brasil.

R. da Hidráulica, 900, Cecília
Viamão, RS

@capoeirapark

Retrato de Pedro Homero. Imagem: Cássio Tambor



Partitura de Pedro Homero. Imagem: Cássio Tambor

Bará, por Pedro Homero. Imagem: Cássio Tambor

MABSul
Museu Afro-Brasil-Sul

O Museu Afro-Brasil-Sul (MABSul), fundado junto ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (RS) em 9 de dezembro de 2020, vem desenvolvendo atividades cuja abrangência tem alcançado amplo público. Suas coleções e ações tratam de temas relevantes à comunidade negra, tais como: Arte, Carnaval, Culinária, Clubes Sociais, Educação, Figuras Notáveis, Quilombo, Técnicas Ancestrais e Religiosidade. Vem assim cumprindo sua missão: "identificar, preservar, divulgar amplamente e tornar acessível por meio digital, o patrimônio cultural material e imaterial pertencentes à região sul do Brasil, presentes nas expressões e manifestações culturais afro-brasileiras" .

A idealizadora do projeto MAB-Sul, a professora Dra. Rosemar Gomes Lemos (Instituto de Artes, UFPel), convidou para compor a equipe profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, entre doutores, doutorandos, mestres e graduandos. Tal composição heterogênea visa a qualificar as ações e investigar as manifestações culturais da população negra e as alterações que ocorreram nos estados do Sul do país, após a chegada de pessoas retiradas à força de sua terra e aqui escravizadas.

Do ponto de vista histórico, o museu consolida um processo de diálogo embasado na História e no patrimônio cultural afro-brasileiro, permeando a luta antirracista e a efetivação da Lei 11.645/08 no reconhecimento da história e da contribuição da população negra à sociedade brasileira. Ao recuperar memórias vivas, legitimando e dando visibilidade às representatividades, o MABSul ajuda a impulsionar as vivências e narrativas de indivíduos e grupos envolvidos em diferentes contextos das manifestações da cultura afro-brasileira.

R. Gomes Carneiro, Sala 210A, Porto Pelotas, RS

acervosvirtuais.ufpel.edu.br/museuafrobrasilsul/

@museuafrobrasilsul

Seminário Música e Negritude: Arte, Força e Resistência, no MABSul.
Imagem: Natália Nornberg

Seminário Música e Negritude: Arte, Força e Resistência, no MABSul.
Imagem: Natália Nornberg

Seminário Música e Negritude: Arte, Força e Resistência, no MABSul.
Imagem: Natália Nornberg

SÃO PAULO

Baixada do Glicério Viva Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental

A iniciativa "Baixada do Glicério Viva" contempla atividades no âmbito dos primeiros pontos de aquilombamento de pessoas escravizadas em São Paulo, onde concentrou-se um enorme contingente da população negra socialmente marginalizada desde meados do século XIX. Era uma área alagadiça, de várzea, e de pouco interesse de moradia para a população mais abastada, o que de alguma maneira permitiu, que as pessoas locais existissem com suas escolas de samba, terreiros, times de futebol e salões de baile, junto a um cotidiano repleto de batuques, coreografias, samba de umbigada, tambu, jongo, tiririca e sistemas cosmológicos relacionados à natureza, tais como os rios, ribeirões, igarapés, lagos, árvores sagradas e encruzilhadas.

Há pontos importantes da territorialidade negra e indígena nessa região, como os quilombos urbanos, as encruzilhadas de Exu e Pomba Gira, o mirante Morro do Piolho, a sede do Centro Cultural Palmares, do Paulistano da Glória, da Frente Negra Brasileira - FNB e da Soweto Organização Negra.

Na atualidade, a Baixada do Glicério/Liberdade é conhecida por reunir povos de aproximadamente 90 nacionalidades, além de organizações diversas como o Centro de Estudos de Cultura da Guiné, a União Social dos Imigrantes Haitianos - USIH, o Museu de Território dos Aflitos - MTA, a União dos Cantadores Cordelistas Repentistas e Apologistas do Nordeste - UCRAN, dentre outras.

@baixadadoglicerioviva

Mapa das Cinco Esquinas, 1894. Imagem: Divulgação/Baixada do Glicério Viva

Casa Madrinha Eunice. Imagem: Divulgação/Baixada do Glicério Viva

Placa da Memória Paulista com informações das Cinco Esquinas. Imagem: Paulo César

Casa Sueli Carneiro

A Casa Sueli Carneiro é um espaço de memória, formação e ativismo negro fundamentado no legado da intelectual Sueli Carneiro. A instituição se dedica a acolher e sistematizar reflexões, expressões, experiências e acontecimentos, ampliando a visibilidade e a abrangência do pensamento ativista-intelectual-político negro no Brasil, e suas interfaces com o pensamento de outros países da diáspora no mundo.

A organização do acervo teve início em setembro de 2021, e em 2024 conta com mais de 4.000 itens, seguindo em permanente constituição em sua sede, localizada no bairro Butantã, Zona Oeste da cidade de São Paulo.

Os documentos que Sueli Carneiro reuniu ao longo de sua vida, encontram-se disponíveis em formato digital em conjunto com sua biblioteca pessoal, e são publicados para o fomento de pesquisas e ampliação do entendimento de sua obra e da história do ativismo por ela empreendido desde os anos 1970, em sua luta por igualdade racial e de gênero.

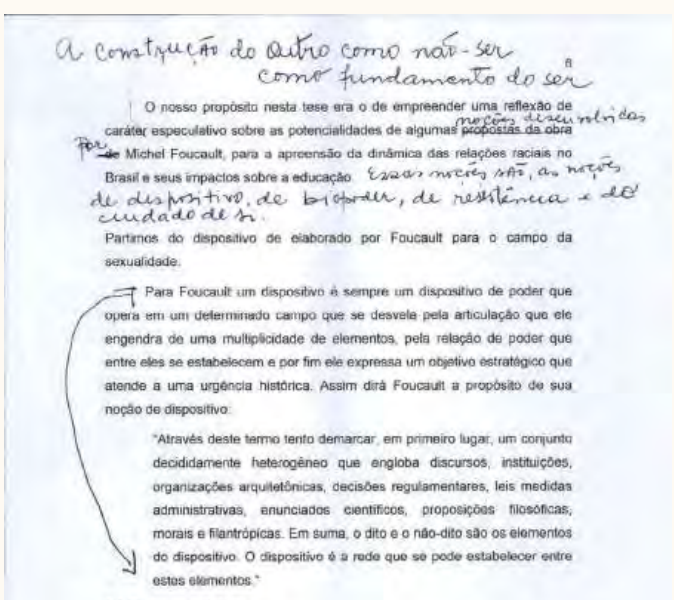
R. Prof. Gioconda Mussolini, 259, JD. Rizzo
São Paulo, SP

www.acervo.casasuelicarneiro.org.br

@casasuelicarneiro

Capa do livro Dispositivo de Racialidade por Sueli Carneiro.
Imagem: Acervo Sueli Carneiro

Capa da revista Caros amigos. Imagem: Acervo Sueli Carneiro


A construção do Outro como não-ser
como fundamento do ser

O nosso propósito nesta tese era o de empreender uma reflexão de caráter especulativo sobre as potencialidades de algumas propostas da obra de Michel Foucault, para a apreensão da dinâmica das relações raciais no Brasil e seus impactos sobre a educação.

Partimos do dispositivo de elaborado por Foucault para o campo da sexualidade.

Para Foucault um dispositivo é sempre um dispositivo de poder que opera em um determinado campo que se desvela pela articulação que ele engendra de uma multiplicidade de elementos, pela relação de poder que entre eles se estabelecem e por fim ele expressa um objetivo estratégico que atende a uma urgência histórica. Assim dirá Foucault a propósito de sua noção de dispositivo:

"Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos."

Minuta da tese de doutorado de Sueli Carneiro A construção do outro como não-ser como fundamento do ser . Imagem: Acervo Sueli Carneiro

EAACONE
Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira

A Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira - EAACONE, criada em 1995 no Quilombo de Praia Grande, no município de Iporanga (SP), tem como missão identificar, articular e assessorar as comunidades quilombolas da região, com ênfase no resgate cultural e na conquista da terra. A criação da entidade foi impulsionada pela promulgação da Constituição Brasileira de 1988, notadamente pelo Artigo 68 das Disposições Transitórias, que reconhece a propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

O processo de conscientização iniciado pela EAACONE, envolveu a auto identificação das comunidades, sua recuperação histórica perante órgãos públicos, encaminhamento de documentação para a titulação das terras como áreas quilombolas e a formação de associações. Registrada em 2004, a entidade atua na luta pelo direito à terra e ao território, assessorando politicamente e juridicamente comunidades nos municípios paulistas de Eldorado, Iporanga, Cananéia, Miracatu, Registro, Itaóca, Barra do Turvo e Iguape, além dos municípios paranaenses de Adrianópolis, Doutor Ulisses e Bocaiúva do Sul.

O acervo da EAACONE é constituído por documentos, fotografias, vídeos, livros, jornais, matérias, projetos, relatórios, cartas, entre outros, organizados desde 1989. A relevância da coleção se dá principalmente por salvaguardar a memória dos processos de luta e de organização fundiária das comunidades quilombolas no Vale do Ribeira, do Movimento dos Ameaçados por Barragem – MOAB, dos encontros das mulheres quilombolas na década de 1990, e de sua luta contra o projeto de Barragem de Tijuco Alto.

R. Leoncio M Freitas, 63
Eldorado, SP

@eaacone

eaacone

Peças na sede da entidade. Imagem: Acervo EAACONE

Linha do tempo das lutas contra as barragens. Imagem: Acervo EAACONE

Arquivo dos processos de luta dos quilombos do Vale do Ribeira.
Imagem: Acervo EAACONE

Ilé Ìyá Ódò Àse Aláàfin Òyó
Coletivo Cultural de Preservação a Cultura Afro-Brasileira e Povos Tradicionais de Matriz Africana

O Ilé Ìyá Ódò Àse Aláàfin Òyó, Unidade Territorial Tradicional (UTT), de nação Yoruba/Ketu, foi fundado por Mãe Nanã de Yemanjá em 1991, na Vila Ré, Zona Leste de São Paulo. Aos saberes e fazeres, elevados a conhecimento e tecnologia, constituiu o CRRCABI – Centro de Referência e Resgate da Cultura Afrobrasileira e Indígena – Acaçá Axé Odo, regularizado em 2020.

Suas propostas culminaram nos projetos: Acaçá Sabores e Encantos, contemplado na 2ª edição do Fomento à Cultura da Periferia (2018/2019) e Acaçá Encruzilhada da Inclusão, contemplado na 7ª edição do mesmo fomento (em vigência). Também foi contemplado pelo Ponto de Cultura Viva estadual e municipal, o 1º Festival Comgás Transforma, o Festival Ubuntu versão on-line, a Lei Aldir Blanc 1 e o edital LPG da SMC-SP.

Atualmente desenvolve Oficinas de percussão, capoeira, cordas (violão e cavaco), dança afro, artes plásticas e adereços carnavalescos, eventos que compõem o Programa Consciência Negra o Ano Inteiro, além do Acaçá Itinerante, em parceria com o Centro de Acolhida à Mulheres Imigrantes Penha, que consiste em um intercâmbio gastronômico regado a reflexões, interações e samba de roda. O terreiro conta com acessibilidade PcD e suas atividades são livres e gratuitas.

O Ilé Ìyá Ódò Àse Aláàfin Òyó tem como missão defender a perpetuação da cultura e das religiões de matrizes africanas, promover o diálogo inter-religioso para mediação e resolução de conflitos, incentivar a consolidação da Lei 10.639/03, e impulsionar a diversidade cultural afro-brasileira em prol do empoderamento da mulher negra e do enfrentamento a todas as formas de violência.

R. Moé, 438, Vila Ré
São Paulo, SP

@ileiyaodo

Oficina de percussão. Imagem: Acervo Ilé Ìyá Ódò Àse Aláàfin Òyó

Detalhe de uma oficina de artes plásticas. Imagem: Acervo Ilé Ìyá Ódò Àse Aláàfin Òyó

Crianças também participam das atividades da casa. Imagem: Acervo Ilé Ìyá Ódò Àse Aláàfin Òyó

Museu Afro Brasil Emanoel Araujo

O Museu Afro Brasil Emanoel Araujo é uma instituição pública, subordinada à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, sob administração da Associação Museu Afro Brasil - Organização Social de Cultura.

Inaugurado em 2004 a partir da coleção particular de seu fundador, Emanoel Araujo (1940-2022), o museu apresenta uma trajetória decisiva para a valorização da contribuição das populações negras na formação do Brasil. Sua localização está no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do Parque Ibirapuera, onde conserva cerca de 11 mil m², apresentando a diversidade cultural africana e afrodiaspórica através da arte, da história e da religiosidade.

Possuindo três pavimentos, o MAB conta com área para exposições, formações culturais e educativas como a Escola MAB, área de acervo físico, um extenso acervo digital, produção editorial da revista EducaMAB, além da Biblioteca Maria Carolina de Jesus e do Teatro Ruth de Souza, homenageando duas importantes figuras que, cada uma a seu modo, elevaram ao extremo de uma época a experiência de serem artistas negras no Brasil.

O MAB conta com cerca de mais de 20 mil itens organizados em acervos museológico, arquivístico e bibliográfico, oferecendo ao público amplo material digital, com livros, teses acadêmicas, fotografias e audiovisual. Desde março de 2024, o Museu Afro Brasil está sob a direção artística de Hélio Menezes.

Parque Ibirapuera - Av. Pedro Álvares Cabral, s/n, Portão 10, Vila Mariana
São Paulo, SP

www.museuafrobrasil.org.br/

@museuafrobrasilemanoelaraujo

museuafrobrasil.oficial

Retrato de mulher. Autoria: Benedito José Tobias. Imagem: Isabella Finholdt e Márcia Gabriel

Sem título. Madalena Santos Reinbolt. Imagem: Isabella Finholdt

Sem título. Autoria: Sidney Amaral. Imagem: Nelson Kon

Museu Casa Mário de Andrade

O Museu Casa Mário de Andrade, é um museu da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativa do Estado de São Paulo, e que faz parte da Rede de Museus Casa, gerida pela POIESIS – Instituto de Apoio à Cultura, à Língua e à Literatura.

Localizado na Rua Lopes Chaves, no bairro da Barra Funda, ocupa os três sobrados geminados, onde moraram o escritor e sua família, e que passaram por obras entre 2022 e 2024, para ampliação do museu. As construções, em estilo eclético, foram projetadas por Oscar Americano em 1920. O primeiro sobrado era ocupado por Mário, sua mãe Maria Luísa, sua tia e madrinha Ana Francisca (tia Nhanhã), sua irmã Maria de Lourdes e Sebastiana de Campos, ou "Bastiana", trabalhadora doméstica, e por Mário de Andrade que viveu na casa de esquina de 1921 até a sua morte em 1945. A residência foi um dos primeiros espaços de socialização modernista e lugar de produção da maior parte da extensa obra do autor de Macunaíma.

O Museu Casa Mário de Andrade se constituiu como importante espaço de memória do movimento modernista e do legado de Mário de Andrade, e como seu habitante, tem o caráter de ser um polo polifônico e plural, fomentador da pesquisa, de referenciamento, de produção cultural e de socialização, com forte conexão com o território.

Entre 2019 e 2023, 15.086 pessoas visitaram a Casa Mário de Andrade. No mesmo período, o museu realizou 900 atividades.

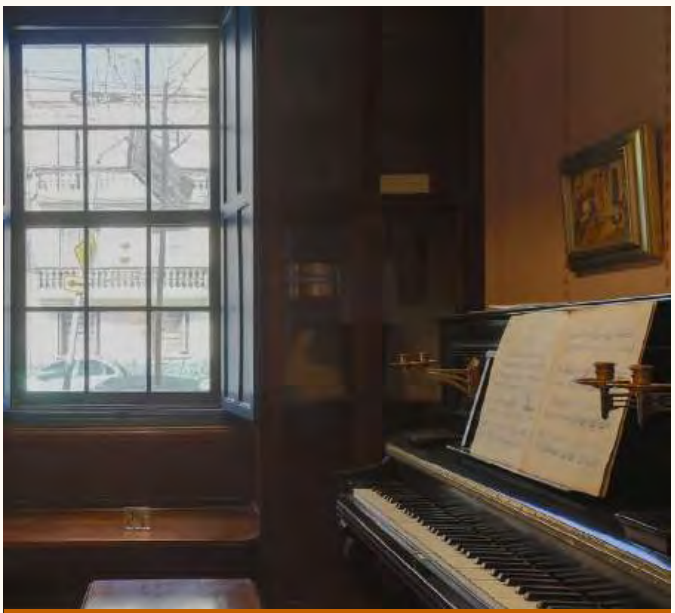
R. Lopes Chaves, 546, Barra Funda
São Paulo, SP

www.casamariodeandrade.org.br

@museucasamariodeandrade

CasaMariodeAndrade

Retrato de Mário de Andrade. Imagem/Divulgação: Museu Casa Mário de Andrade



Saleta de piano da casa de Mário de Andrade. Imagem/Divulgação: Museu Casa Mário de Andrade

Pintura de Noemia Mourão, retratando a saleta de piano. Imagem/Divulgação: Museu Casa Mário de Andrade

Museu da Cidade de São Paulo

O Museu da Cidade de São Paulo (MCSP), vinculado à Secretaria Municipal da Cultura, tem como objeto de interesse a cidade de São Paulo e sua correlação com seus habitantes. São atribuições próprias da instituição, promover a reflexão contínua das dinâmicas de construção física e simbólica retratando sua diversidade cultural, e registrar a memória de sua população. A estrutura é formada por uma rede de doze casas históricas e um logradouro, construídas entre os séculos XVII ao XX.

Seu acervo de História Oral, reúne 574 fitas cassetes e 11 entrevistas em audiovisual produzidas desde os anos 1980, registrando no projeto "A trajetória do negro no espaço paulistano", atores sociais como Correia Leite e Nenê da Vila Matilde. Conjuntamente, o acervo de Bens Móveis reúne 1.020 objetos, entre utensílios domésticos, ferramentas e itens de peças sacras. Sua origem está relacionada às atividades de comemoração do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954).

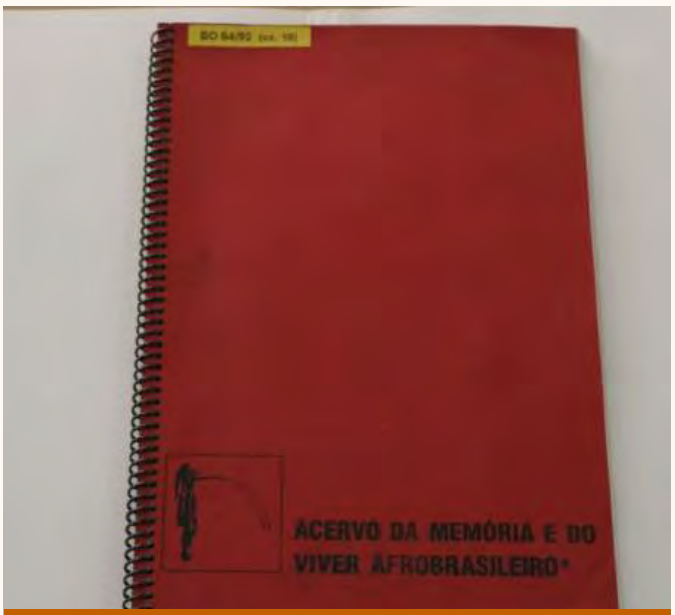
O MCSP integra também em seu acervo a "Casa do Sítio da Ressaca", datada provavelmente de 1719, e componente do Acervo Arquitetônico, que são imóveis de grande valor para a arquitetura e história da cidade. Em 2003, a casa compôs o projeto "Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro", que promoveu exposições abordando a vida e a arte de pessoas negras. Outro conjunto é o Acervo fotográfico do MCSP, que registra as transformações urbanas de São Paulo desde 1860 e as obras públicas executadas pela prefeitura desde o século passado até a contemporaneidade.

R. Roberto Simonsen, 136, Sé
São Paulo, SP

www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/

@museudacidade

Rua da Glória, 1887, no bairro da Liberdade. Imagem: Acervo Museu da Cidade de São Paulo



Registros do Acervo da Memória e do Viver Afro-brasileiro. Imagem: Acervo Museu da Cidade de São Paulo

Arquivo fotográfico do acervo afro-brasileiro do Museu da Cidade de São Paulo. Imagem: Acervo Museu da Cidade de São Paulo

Museu da Pessoa

O Museu da Pessoa é virtual e atua para registrar, preservar e disseminar histórias de vida, por meio de diversas ações culturais. Criado em São Paulo, em 1991, é uma organização da sociedade civil de interesse público, sem fins lucrativos, que conecta pessoas e grupos por meio de suas trajetórias. Ao longo dos anos realizou projetos de memórias específicos para povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, representantes da sigla LGBTQIAPN+, entre outros.

No ano de 2020, a partir do tema Vidas Negras, o museu convidou personalidades que abordam as questões raciais do Brasil no contexto político, cultural, acadêmico e social para compartilharem suas histórias de vida. No mesmo ano, realizou a Mostra Audiovisual Entre(Vivências)Negras, com apoio do Instituto Gueledés, reunindo produtores audiovisuais que se debruçaram sobre o seu acervo desenvolvendo um conteúdo inédito.

O Museu da Pessoa conta atualmente com mais de 18 mil histórias e 60 mil imagens e documentos que retratam a vida privada no Brasil. Colaborativo, o museu é aberto à participação de toda e qualquer pessoa através de sua plataforma digital www.museudapessoa.org , assim como por meio de ações híbridas.

www.museudapessoa.org

@museudapessoa

Zilda Noronha Miné. Imagem: Acervo Museu da Pessoa

Marcos dos Santos. Imagem: Acervo Museu da Pessoa

Jurandir Damasceno. Imagem: Acervo Museu da Pessoa

Museu das Favelas

O Museu das Favelas é um equipamento da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, sediado no Largo Páteo do Colégio, no centro da capital. Gerido pela organização social de cultura IDG – Instituto de Desenvolvimento e Gestão, o Museu, que nasce de um processo colaborativo com pessoas que vivenciam o cotidiano das favelas, é um ambiente de pesquisa, preservação, produção e comunicação das memórias e potências criativas das favelas brasileiras.

Inaugurado em novembro de 2022, inicialmente no Palácio dos Campos Elíseos, o Museu é gratuito e aberto a todos os públicos, propondo uma viva programação cultural e educativa, contando com o CRIA - Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca, o CORRE - Centro de Formação, Trabalho, Renda e Empreendedorismo, além de exposições e um auditório.

Tem como premissa um trabalho de reparação social por meio do protagonismo das pessoas de favelas e periferias, tanto na gestão e contratação de fornecedores, quanto na rupturas de narrativas, partindo da construção de iniciativas que geram impacto social, cultural e econômico positivo, além da escuta ativa em visitas periódicas a espaços e organizações das favelas de São Paulo e do Brasil.

Trata-se de uma instituição que reverencia o passado, perfazendo o presente para contribuir com o futuro, partindo do princípio de que os caminhos para mudança precisam passar pelas favelas, por suas manifestações culturais e pela potência dos que ali resistem, inovam e criam. Parte de uma visão expandida que inclui vivências de periferias, ocupações, assentamentos, regiões quilombolas e ribeirinhas: espaços distintos, mas que compartilham histórias de segregação e resistência.

Lg. Pátio do Colégio, 148, Centro Histórico
São Paulo, SP

www.museudasfavelas.org.br

@museudasfavelas

@museudasfavelas

Biblioteca afro-centrada do Museu das Favelas.
Imagem: Nego Júnior, 2022

Instalação Visão Periférica. Imagem: Nego Júnior, 2023

Obras expostas no Museu das Favelas. Imagem: Nego Júnior, 2023

Museu do Café

O Museu do Café, instalado no edifício da antiga Bolsa Oficial de Café, foi construído em 1922, e é uma das principais instituições culturais do estado de São Paulo e da cidade de Santos. Reconhecido como patrimônio histórico, artístico e arquitetônico nacional, tem como objetivo a preservação e difusão da história do café no Brasil.

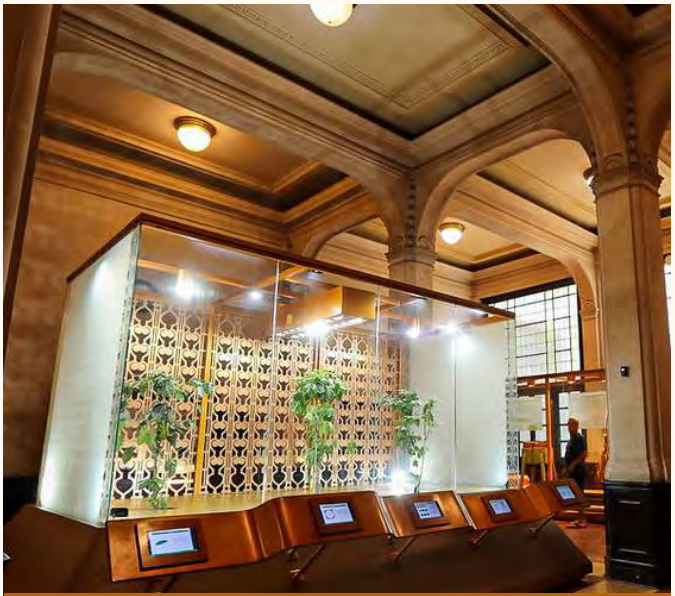
Por meio dos acervos museológico, arquivístico e bibliográfico, com objetos, livros, documentos e recursos audiovisuais, a instituição constrói junto ao público conhecimentos sobre a evolução da cafeicultura e o desenvolvimento político, econômico, cultural e social do país, desde meados do século XVIII até os dias atuais.

A biblioteca do Museu se destaca pelas obras de referência em estudos sobre racialização, relações de trabalho baseadas na escravização, cultura e cidadania negra. Atualmente, o museu inicia o desafio de ampliar e qualificar seus acervos e narrativas sobre a cultura afro-brasileira durante a concepção e curadoria de sua nova exposição de longa duração. Sua gestão é feita pela organização social "Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração (INCI)" ligado à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas.

R. Quinze de Novembro, 95, Centro Histórico
Santos, SP

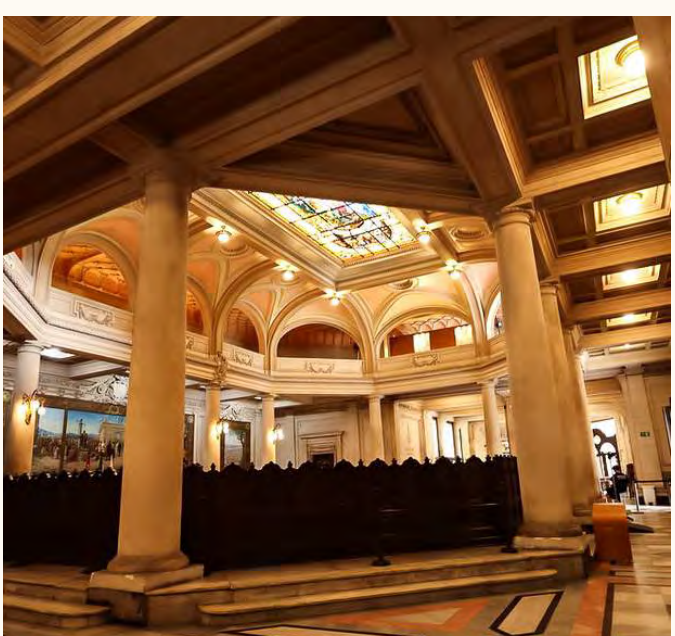
www.museudocafe.org.br/

@museudocafe



Recursos exibem a evolução da cafeicultura. Imagem: Acervo Museu do Café

Salão do pregão com pinturas antigas do do Porto de Santos. Imagem: Acervo Museu do Café



Salão do pregão. Imagem: Acervo Museu do Café

MUSA
Museu dos Aflitos

O Museu dos Aflitos (Musa) é uma instituição comunitária sem fins lucrativos dedicado à garantia dos direitos humanos fundamentais à memória e à verdade da escravidão e do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas no Estado de São Paulo e no Brasil. Inaugurado em 17 de outubro de 2022, o museu está localizado na Capela dos Aflitos, dentro do perímetro do Sítio Arqueológico Cemitério dos Aflitos, no bairro da Liberdade, em São Paulo.

O Musa nasce como uma demanda da sociedade civil pela criação de uma instituição que conferisse a preservação, oreconhecimento e a valorização do Sítio Arqueológico Cemitério dos Aflitos, dos acervos digital, audiovisual e de imagens em sua maioria. É uma iniciativa formada por profissionais atuantes no Movimento dos Aflitos, visando suprir a necessidade de uma discussão ampla com a sociedade brasileira.

O acervo do Museu dos Aflitos avança nessa missão reunindo fotografias, artefatos e produções audiovisuais que testemunham as experiências traumáticas da escravidão e suas consequências no Brasil contemporâneo. Além disso, o Musa se compromete a trabalhar para implementar políticas públicas de memória e de informação para o combate ao racismo e a discriminação racial. Mais do que um espaço de preservação histórica, é um espaço de luta e resistência, nascido das sociabilidades das populações indígenas e negras, que desempenham um papel crucial na erradicação do racismo e na promoção da democracia no Brasil.

alt 52 - Traves. Rua dos Estudantes, R. dos Aflitos, 70, Liberdade São Paulo, SP

museudosaflitos.org

@museudosaflitos

11º Encontro da Rede São Paulo de Memória e Museologia Social-REMMUSP, sediado pelo Museu dos Aflitos, 2023. Acervo: Museu dos Aflitos

2º Ato Inter-religioso realizado pela União dos Amigos da Capela dos Aflitos - UNAMCA, na Capela dos Aflitos. Imagem: Acervo Museu dos Aflitos

Visita mediada realizada pelo Museu dos Aflitos, em parceria com o Batuq do Glicério durante a Jornada do Patrimônio de 2023. Imagem: Acervo Museu dos Aflitos

Museu Itamar Assumpção

O Museu Itamar Assumpção (MU.ITA) é uma instituição privada sem fins lucrativos, fundada em 2020 por sua família. Trata-se do mais importante acervo de arte de um músico e artista da palavra no Brasil, com mais de 3 mil itens reunidos, incluindo desenhos, músicas, objetos, teses acadêmicas sobre sua obra, fotografias, textos, vídeos, figurinos e acessórios originais das mais diversas fases da vida e carreira de Itamar.

O MU.ITA também é o primeiro museu virtual de um artista negro brasileiro e o primeiro a ser traduzido para iorubá, a língua mater nigero-congolesa. Seu ponto forte de ser um acervo virtual (embora já conte hoje com espaço físico, sediado em parte da residência da companheira de vida do músico), é que assim consegue impulsionar e compartilhar amplamente com o mundo o trabalho musical e histórico do artista Itamar Assumpção, além de dialogar com as novas tecnologias e comportamentos sociais.

O museu foi lançado em 2020, em plena pandemia da covid-19. Com isso, foi desenvolvido um método de trabalho que dialoga com a virtualidade em todos os sentidos, trazendo do físico para o virtual grande parte do processo de criação, desenvolvimento e produção do espaço museal que hoje pode ser amplamente visitado no endereço www.itamarassumpcao.com. Ao mesmo tempo, o MU.ITA busca realizar ações de comunicação presenciais, através de exposições temporárias e ações educativas abrigadas em instituições que dialogam com as pautas de resistência afro-brasileiras.

www.itamarassumpcao.com

@itamarassumpcao_

itamarassumpcao.oficial

Itamar Assumpção. Fotografia: Glória Flügel/Acervo MU.ITA

Itamar Assumpção. Imagem: Jorge Rosemberg/Acervo MU.ITA

Cadernos de Assumpção. Imagem: Edouard Frapoint/Acervo MU.ITA

PACUBRA
Pavilhão das Culturas Brasileiras

O Museu das Culturas Brasileiras (Pacubra), localizado no Pavilhão Engenheiro Armando de Arruda Pereira no Parque Ibirapuera, é uma instituição museológica da Secretaria Municipal de Cultura e Departamento dos Museus Municipais. Tem como vocação a salvaguarda, pesquisa e comunicação das mais diversas formas de expressão da cultura popular brasileira.

O museu possui um acervo aproximado de 5.500 objetos museológicos, resultantes de três momentos distintos. O primeiro, relacionado ao acervo do Museu do Folclore Rossini Tavares de Lima, reunido nos mais de 50 anos de atividade da instituição. Muitos dos objetos do seu acervo foram coletados em ações de pesquisas temáticas desenvolvidas pelo Museu e pelos integrantes do seu prestigiado curso de formação em folclorismo; o segundo momento é a Coleção Etnográfica trazida do Museu da Cidade de São Paulo, que foi adquirida para a Casa do Sertanista por meio de compras e doações de especialistas, tais como a Lux Vidal e os irmãos Villas-Bôas, formando um acervo relevante da produção de várias sociedades indígenas, como por exemplo, os Karajá e Krahô.

Já a coleção adquirida a partir da criação do Pavilhão das Culturas Brasileiras (Pacubra), inaugurado em 2010, pretendeu trazer a perspectiva contemporânea do que se chamou anteriormente de folclore e arte popular, ressaltando a produção artística e cultural cotidiana dos mais diversos estados do Brasil.

O Pacubra está atualmente fechado ao público mais amplo. Apesar disso, os trabalhos de conservação e catalogação estão intensos, e o museu continua aberto para pesquisadores, empréstimos de seus acervos e para participação em projetos. Para a nova fase, a instituição deseja a participação dos agentes e produtores das diversidades culturais que busquem preservar, estudar, fomentar, promover e divulgar, com o objetivo de valorização, as produções culturais tanto de caráter material como imaterial brasileiras.

Parque Ibirapuera - Av. Pedro Álvares Cabral, s/n, Vila Mariana
São Paulo, SP

www.ibirapuera.org/equipamentos-parque-ibirapuera/pavilhao-das-culturas-brasileiras/

Ferro de Altar (objeto de culto). Data e autoria desconhecidas. Imagem: Museu das Culturas Brasileiras

Ferro de Exu (objeto de culto). Data e autoria desconhecidas. Imagem: Museu das Culturas Brasileiras

Coroa de Iemanjá (acessório de traje de culto). Autoria desconhecida. Imagem: Museu das Culturas Brasileiras

Nos acompanhe

Instagram

@acervosafrobrasileiros

Ouça nossa playlist

1º Encontro da Rede de Acervos Afro-Brasileiros

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador |
Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador |
Felício Ramuth

Secretária de Estado da Cultura, Economia e Indústria Criativas |
Marilia Marton

Secretário Executivo |
Marcelo Assis

Chefe de Gabinete |
Daniel Scheiblich Rodrigues

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico |
Mirian Midori Peres Yagui

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus |
Sofia Gonçalez

Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico |
Luana Viera

Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo |
Regiane Lima Justino

Equipe técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico |
Angelita Soraia Fantagussi
Dayane Rosalina Ribeiro
Eleonora Maria Fincato Fleury
Marcia Pisaneschi Sorrentino
Marcos Antônio Nogueira da Silva
Roberta Martins Silva
Tayna da Silva Rios
Thiago Brandão Xavier

REDE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS 2024

Amapá
Museu Afro Amazônico Josefa Pereira Lau
Padre Paulo Matias

Bahia |
Casa de Oxumarê
Daniela Estrela
Pai Tinho

Ewé Lati Wòsán: Folha para Curar Museu Digital
Daniela Moreira

Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – MAFRO
Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira – MUNCAB
Cintia Santos de Souza
Jamile dos Santos Coelho

Rede Museologia Kilombola
Andressa Lima Batista
Isabel Gomes
Lucas Ribeiro Lima
Marina da Silva Pinheiro
Silvia Raquel de Souza Pantoja

Terreiro Ilê Axé Inginoquê Omorossí
Aline Carvalho

Terreiro Ilê Axé Opô Aganju
Henrique Júlio Vieira

ZUMVÍ Arquivo Afro Fotográfico
José Carlos Ferreira dos Santos Filho

Ceará |
Acervo dos Santos: Música dos Orixás, Caboclos e Encantados
Éden Barbosa

Museu Arthur Ramos | Casa de José de Alencar
Leandro Bulhões

Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC/UFC
Graciele Karine Siqueira

Museu do Ceará - MUSCE
Raquel Rocha

Distrito Federal |
Instituto Memorial Lélia Gonzalez
Vinícius Sena

Espírito Santo |
Museu de Arte das Paneleiras do Espírito Santo – MAPES
André Sopon Pereira
Lucas Martins da Silva

Goiás |
Sertão Negro
Jordana Barbosa
Luciara Ribeiro
Vitória Soares
Zanza Gomes

Mato Grosso do Sul |
Voluntário
José Batista Franco Júnior

Maranhão |
Cafuá das Mercês | Museu do Negro
Amélia Cunha

Museu Afro Digital do Maranhão – MAD/MA
Jefferson Dantas
Marilande Martins Abreu
Wellington B. dos Santos

Minas Gerais |
Nagôgrafia - Museu dos Caminhos Negros
Vitú de Souza

Rio de Janeiro |
Acervo Maria Buzanovsky
Maria Buzanovsky

Egbe Ilê Iya Omidaye Ase Obalayo | Museu Memorial Oxum
Arethuza Doria
Mãe Márcia de Oxum

Ilê Museu Vivo de Arte e Cultura da Capoeira
Mestre Paulão Kikongo

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – IPEAFRO
Clícea Maria Augusto de Miranda

Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira – MUHCAB
Talitha Dester

Museu Nacional/UFRJ
Michele Barcelos
Paula de Aguiar Silva Azevedo

Voluntários
Eduardo Passidonio
Emanuelle Rosa Ferraz
Lara de Godoi Soares

Rio Grande do Norte |
Casa Afropoty Sociedade Afrocentrada - CASA
Cláudia Ingrid Moreira
Stéphanie Campos Paiva Moreira

Rio Grande do Sul |
Capoeira Park | Coleção Pedro Homero
Cássio Guimarães Pereira

Museu Afro-Brasil-Sul - MABSul
Rosemar Gomes Lemos

Santa Catarina |
Voluntária
Thainá Castro

São Paulo |
Baixada do Glicério Viva Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental
Rosseline Tavares

Casa Sueli Carneiro
Ionara Lourenço
Erik Allan

EAACONE - Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira
Tânia Heloisa de Moraes
Letícia França

Ilé Ìyá Ódò Àse Aláàfin Òyó | Coletivo Cultural de Preservação a Cultura Afro-Brasileira e Povos Tradicionais de Matriz Africana
Mãe Nãna de Yemanjá

Museu Afro Brasil Emanoel Araujo
Erick Santos
Estela Maria Olímpio
Janderson Brasil Paiva
Joyce Farias de Oliveira
Jurema Beraldo

Museu Casa Mário de Andrade
Arthur Major
Daniel Teixeira
Marcela Rezek Calixto

Museu da Cidade de São Paulo
Brenda Alves Marques
Bruna Bonifácio

Museu da Pessoa
Renata Pante

Museu das Favelas
Danieli Leite
Vera Cardim

Museu do Café
Nascilene Ramos

Museu dos Aflitos
Lucas Almeida
Júlia Garcia dos Santos

Museu Itamar Assumpção
Ana Vasconcelos
Anelis Assumpção
Tais Reis

Pavilhão das Culturas Brasileiras – PACUBRA
Emília Maria de Sá
Vera Toledo Piza

Museu dos Aflitos
Lucas Almeida
Júlia Garcia dos Santos

Voluntários
Carolina Rocha Teixeira
Diego Pacheco
Evelyn Apolinário Ferreira Faria de Souza
Marjorie Luz

GUIA DA REDE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS

Realização |
Rede de Acervos Afro-brasileiros
Associação Museu Afro Brasil

Articulação |
Programa Conexões Museus SP
Janderson Brasil Paiva
Museu Afro Brasil Emanoel Araujo

Colaboração |
Renata Pante
Museu da Pessoa

Diagramação |
Erik Allan Araujo
Casa Sueli Carneiro

Revisão |
Diego Ricardo Pacheco
Marjorie Reis Luz
Programa de Voluntariado
Museu Afro Brasil Emanoel Araujo

R314g Rede de Acervos Afro-Brasileiros 2024
Guia rede de acervos afro-brasileiros 2024 / Museu Afro Brasil Emanoel Araujo [organização de textos] – São Paulo: Museu Afro Brasil Emanoel Araujo, 2024.
64 p.: il., color.
PDF.

Vários colaboradores
ISBN: 978-65-89568-08-7

1. Museus 2. Museu Afro Brasil Emanoel Araujo 3. Acervos afro-brasileiros I. Título II. Museu Afro Brasil Emanoel Araujo.

CDD 069.22

Bibliotecária responsável: Janaina França de Melo - CRB8/9353

realização

REDE DE ACERVOS AFRO-BRASILEIROS

museuafrobrasil EMANOEL ARAUJO

SISEMSP

CULTSP

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO SÃO TODOS